

OS VALORES

DAS IGREJAS ASSOCIADAS

TIKKUN BRASIL





Os Valores

DAS IGREJAS ASSOCIADAS

Tikkun Brasil

Copyright © 2022 por Impacto Publicações

Todos os direitos reservados

Este livro foi adaptado de palestras ministradas no Encontro de Líderes de Igrejas Alianças do Ministério Impacto em Monte Mor, SP, nos dias 6 a 8 de outubro, 2017.

Transcrição e compilação

Maria de Fátima Barboza

Revisão

Renata Balarini Coelho

Esmon de Oliveira Cardoso Junior

Edição Final

Harold Walker

Diagramação

Samuel Walker

Capa

Jéssica Barreto

Este texto pode ser citado ou reproduzido, desde que mencionada a fonte, com endereço postal e eletrônico.

Publicado com a devida autorização e com todos os direitos reservados pela IMPACTO PUBLICAÇÕES.

IMPACTO PUBLICAÇÕES

Telefone: (19) 3462.9893

www.revistaimpacto.com.br

O QUE É TIKKUN BRASIL?

TIKKUN é uma palavra hebraica que significa "restauração". Tikkun Brasil faz parte de uma aliança de igrejas no mundo todo chamado TIKKUN GLOBAL que tem uma visão com duas ênfases: para Israel e para as nações. É uma família global, lutando para o cumprimento da visão de Atos 1.8 e 3.19-21 de "avivamento" e "restauração" partindo de Jerusalém, Judeia e Samaria até os confins da terra e voltando novamente para Israel. É uma parceria com cristãos do mundo todo para esse fim. O NOVO HOMEM de Deus (Ef 2.15), a SUA OLIVEIRA (Rm 11), é formado por Israel e as nações, e quando nos unimos em Yeshua, o resultado será as bênçãos prometidas em Salmo 133.

Há mais de 50 anos, sem data específica e de maneira desprezível, nascia em Rubiataba, uma minúscula cidade do interior de Goiás, um ministério de anunciar e publicar a Palavra. John Walker, um norte-americano que saiu de sua terra com a esposa e seis filhos, em 1964, para morar no Brasil, sem respaldo de qualquer organização ou missão, começou a ensinar sobre lei e graça no livro de Gálatas a uma pequena congregação, enquanto dois de seus filhos anotavam freneticamente, tentando captar a essência para compartilhar com outros por meio de folhas mimeografadas.

Pouco tempo depois, ministrações gravadas em fitas cassete chegaram às mãos deles, vindas dos EUA. Depois de transcritas laboriosamente, palavra por palavra, foram transformadas em livretos (como *Paternidade, Procuram-se Sacerdotes e Como Achar a Vontade de Deus*) e livros (como *A Patrola de Deus*). Por mais de 14 anos, muitos livretos, livros e apostilas foram produzidos, artesanalmente, pela família Walker, e distribuídos pelo correio ou em viagens e eventos por todo o Brasil. O ministério era sustentado por ofertas voluntárias.

Nos 12 anos seguintes, de 1986 a 1998, com o deslocamento de alguns membros da família para Jundiá e Americana, em

São Paulo, o ministério continuou, porém com um ritmo de produção mais lento. Foi nesse período (1991) que assumiram a responsabilidade de traduzir e publicar no Brasil o jornal *O Arauto da Sua Vinda*, versão em português do jornal *Herald of His Coming*, fundado em 1941 nos Estados Unidos, com foco em santidade, oração, avivamento e evangelização do mundo.

Em setembro de 1998, saiu a primeira edição da revista IMPACTO com a ajuda de apenas dois colaboradores além de Harold e Christopher Walker, dando início a uma nova etapa do ministério. No final de 2014, completaram-se 16 anos e 80 edições publicadas. Nesse tempo, a equipe IMPACTO ficou mais completa e madura com a contribuição de vários irmãos. A Palavra, divulgada na página impressa, cresceu para eventos e cursos como o *Curso de Preparação Profética* (CPP) em Monte Mor, SP e a *Escola Ministerial Impacto* (EMI), que passou a acontecer todo ano em julho, em Sorocaba, SP. Depois da pandemia, em 2021, foram recomeçados esses encontros em julho, com um novo nome: *EM PACTO*, porque sentiu-se a necessidade de enfatizar relacionamentos de aliança como fundamento da vida comunitária da igreja.

Durante o período em que publicamos a revista, sentimos muito privilegiados e gratos a Deus pela oportunidade que tivemos de alcançar corações e impactar indivíduos, grupos e igrejas. Recebemos regularmente testemunhos de pessoas que aguardavam com expectativa a próxima edição da revista, buscando nela uma fonte de vida e edificação.

A partir de 2015, iniciamos uma nova etapa. Depois de muita ponderação e oração, sentimos a direção de Deus para encerrar a publicação da revista Impacto (a última edição foi a número 80) e voltar a dar ênfase a publicações mais permanentes, como livretos e livros. Isso nos deu mais liberdade para tratar assuntos importantes de forma mais ampla e profunda.

No início desse mesmo ano de 2015, formamos e começamos a coordenar uma rede de igrejas chamada *IGREJAS*

ALIANÇADAS DO MINISTÉRIO IMPACTO com o propósito de proporcionar apoio para igrejas que sentiam necessidade de desenvolver uma interdependência saudável. Temos pavor de denominacionalismo e da formação de "reinos" humanos. Percebemos, porém, que Deus está se movendo no mundo todo por meio de redes ministeriais e que isso pode ser benéfico sem edificar novas denominações.

Em 2009, Harold Walker esteve em Israel pela primeira vez e conheceu o ministério Revive Israel e seu fundador, Asher Intrater. Desde então Asher e outros parceiros dele têm ministrado em nossos encontros e os laços entre nós vem se estreitando. A partir de um encontro marcante em dezembro, 2019, com a presença de Asher no lançamento do livro mais importante dele intitulado *RELACIONAMENTOS DE ALIANÇA: UM MANUAL PARA INTEGRIDADE E LEALDADE*, sentimos de nos alinhar com o TIKKUN GLOBAL e mudamos nosso nome de IMPACTO para TIKKUN BRASIL. Em 2021, ao percebermos que o termo *ALIANÇADAS* se refere a um relacionamento muito mais profundo do que existe entre a maioria das igrejas em nossa rede, resolvemos adotar nosso nome atual: *IGREJAS ASSOCIADAS TIKKUN BRASIL*.

O ministério de publicação continua sob o nome *IMPACTO PUBLICAÇÕES* e vários membros do antigo *MINISTÉRIO IMPACTO* estão trabalhando ativamente em projetos como o *TJC2* para promover a unidade da Igreja, derrubando muros de preconceito e divisão entre os cristãos. Cremos que Jesus voltará em breve para uma Igreja unida e gloriosa, e queremos contribuir para isso com todas as nossas forças!

Conteúdo

O que é TIKKUN Brasil.....	3
Introdução	9
1º Valor – A Volta de Cristo.....	13
2º Valor – Avivamento e Reforma.....	17
3º Valor – Alinhamento com Israel.....	21
4º Valor – Igreja Centrada no Evangelho	29
5º Valor – Parte 1 – Comunidade Pactual.....	35
Parte 2 – Família	45
6º Valor – Ministério ao Senhor	51
7º Valor – Oração Coletiva.....	57
8º Valor – Unidade, Unanimidade e Intimidade.....	63
9º Valor – Cultura de Honra.....	71
10º Valor – A Grande Comissão	77
Estrutura Mínima da Igreja.....	83
Links.....	91

INTRODUÇÃO

Harold Walker

Esses são dias para inquirir Deus sobre como as igrejas que estão associadas conosco podem remover todos os obstáculos que as estão impedindo de avançar. Cada localidade tem dificuldades e situações diferentes das demais, mas todas têm muitas coisas em comum. Nosso objetivo é ouvir, não apenas do homem, mas do Senhor, sabendo que ele pode inspirar o nosso coração e nos dar luz sobre problemas específicos. Ao ouvirmos uns aos outros, que Deus possa nos dar direção específica para os próximos anos.

Nosso compromisso, como igrejas associadas, é nos reunir duas vezes ao ano, uma vez por semestre, com a liderança. A primeira vez é sempre no mês de fevereiro – no Encontro de Reflexão. Nessa oportunidade, além dos líderes das igrejas associadas, participam irmãos de várias outras igrejas e lugares com o intuito de buscar direção para o novo ano.

A segunda vez é sempre no mês de julho – chama-se Encontro TIKKUN Brasil. São quatro dias de encontro em julho todo ano, e exigimos que todos da liderança do TIKKUN Brasil estejam presentes para ministrar e ouvir os outros ministrando. Estamos sempre viajando a muitos lugares e temos pouca oportunidade de ouvir uns aos outros para entender o que se passa no coração de cada um.

Além disso, o Encontro TIKKUN Brasil é um momento ímpar para que as igrejas associadas recebam uma imersão na Palavra para Deus trazer um estoque da Palavra para cada igreja. É importante ressaltar que não é bom que alguns irmãos de cada igreja recebam uma carga maior da Palavra do que os seus líderes. Isso não faz muito sentido. Por isso, incluímos nesse nosso compromisso que pelo menos alguém da liderança, juntamente com alguns irmãos em formação, estejam presentes. É bom receber irmãos para ministrar em sua

igreja, mas entendemos que isso não se compara ao momento juntos no encontro de julho.

Nossa rede de igrejas associadas tem alguns princípios importantes. Nós cremos que a igreja não deve ficar independente, isolada e contando apenas com a liderança local. Isso só funciona quando as coisas estão indo bem, mas, normalmente, as igrejas têm problemas mesmo! Quando está indo razoavelmente bem, dá para ir levando sozinho. O problema é que, se você não investir em relacionamentos durante esse período em que está indo bem, não terá a quem recorrer ao chegar uma crise. Há pessoas boas que você pode chamar; porém, como não acompanham a sua história e não sabem o que vocês (da igreja) pensam, elas não têm ferramentas para poder ajudá-los. Andar isolado quando está tudo bem e depois buscar ajuda quando surge a dificuldade não funciona. O antídoto das nossas doenças vem de nós mesmos, mas ele não funciona quando estamos doentes. Precisamos depositar esse antídoto em algum irmão maduro e de confiança, quando tudo está bem, a fim de que, posteriormente, esse irmão possa usá-lo para nos curar quando estivermos mal. (Aprendemos esse princípio a duras penas por meio de experiências amargas do passado, porque não o praticávamos antes, e foi desastroso.)

Não queremos que essa rede de igrejas associadas se torne uma denominação restritiva. Você pode entrar e sair quando quiser porque não tem ninguém o prendendo. Basta que seja claro e explícito e diga: “Eu me sentiria mais à vontade sem ser associado, mas quero manter comunhão com vocês”. Ótimo! Nós temos comunhão com muitas igrejas que não são associadas. Não há nenhum problema em entrar ou sair, pois você não causará divisão.

Outro ponto importante a ser considerado é que você não está limitado a pedir ajuda apenas à liderança do TIKKUN Brasil, mas pode estar aberto a ministrações de irmãos de várias outras localidades ou linhas. Você não está restrito à “nossa” linha, à “nossa” visão ou à “nossa denominaçãozinha”. Essas duas coisas devem ficar claras: há liberdade tanto para entrar quanto para sair, quanto para receber ajuda. Inclusive, parte do nosso acordo com os associados se baseia no seguinte pensamento: se não conseguimos resolver o problema de determinada igreja, vamos chamar outros irmãos para ajudá-la. Nós também estamos sempre procurando ajuda a partir da comunhão com irmãos de outras linhas ou redes. Se achamos algo precioso neles, estamos muito receptivos à ajuda.

É muito importante entender que, sem um compromisso mínimo de andar juntos e compartilhar os mesmos valores, não seremos práticos. NO MOMENTO, os compromissos mínimos de um associado são:

- Enviar pelo menos DOIS líderes da igreja para os eventos presenciais do TIKKUN BRASIL. (ATUALMENTE são duas conferências nacionais anuais, mas isso pode mudar para um evento nacional e outro evento regional. Além disso, haverá vários outros eventos não obrigatórios disponíveis para o associado)

- Participar da Reunião Virtual toda última segunda-feira de cada mês, das 20h às 21h, via Plataforma ZOOM (todos os participantes com a câmera aberta e preenchendo a Lista de Presença).

- Acessar o ambiente exclusivo dos Associados e assistir os cursos gratuitos (vídeos curtos; cada associado recebe um login e senha para o acesso).

- Ter o compromisso de nos procurar para falar sobre qualquer coisa que discorde de nós, sobre o que fizermos ou falarmos.

- Ser fiel nas contribuições mensais - cada igreja deve contribuir mensalmente para o Fundo dos Associados TIKKUN Brasil. Essa contribuição mensal deve ser de, no mínimo, R\$390,00 (trezentos e noventa reais), valor estipulado para associados durante o ano de 2024.

PARA QUE SERVE O FUNDO DOS ASSOCIADOS TIKKUN BRASIL?

Seu propósito principal é fornecer duas inscrições gratuitas para cada igreja nos dois eventos anuais, mas também ajuda com as despesas de viagens ministeriais para igrejas pequenas que não poderiam cobrir esses custos e por esse motivo muitas vezes não convidam alguém para ministrar. Nessas viagens ministeriais, é importante ressaltar que, além da ministração da Palavra para a igreja nas reuniões, desenvolver amizades sinceras e íntimas entre as lideranças é muito importante, e precisamos nos dedicar mais a isso.

QUAIS SÃO OS NOSSOS VALORES COMUNS?

Se estamos andando juntos, subentende-se que temos valores comuns. Cada localidade é diferente, mas temos valores comuns, os quais devem ficar bem definidos. A clareza desses princípios nos ajudará muito a andar na prática e a fluir juntos na direção para a qual precisamos ir.

São dez valores, vamos tratar de cada um a seguir:

- 1 - A Volta de Cristo;
- 2 - Avivamento e Reforma;
- 3 - Alinhamento com Israel;
- 4 - Igreja Centrada no Evangelho;
- 5 - Comunidade Pactual e Família;
- 6 - Ministério ao Senhor;
- 7 - Oração Coletiva;
- 8 - Unidade, Unanimidade e Intimidade;
- 9 - Cultura de Honra;
- 10 - A Grande Comissão.

1º Valor – A Volta de Cristo

Harold Walker

Para desempenhar sua missão, todas as igrejas na face da terra precisam ter a **visão geral** do propósito eterno de Deus. Deus persegue um alvo desde a fundação do mundo, e a história só terminará quando ele alcançá-lo. A **visão geral** é o que Deus propôs desde o início. Todos os personagens da Bíblia como Abraão, Noé, Moisés e Davi, por exemplo, trabalharam a partir dessa **visão geral**. Durante toda a História, ninguém pôde servir a Deus sem contribuir para a realização desse propósito.

Em cada época da História, a **visão geral** de Deus se encontra numa fase diferente de implantação que chamamos de **visão atual**. Não é possível contribuir para a **visão geral** sem entender a **visão atual** e colaborar para o seu avanço. Vejamos Noé, por exemplo. Em seus dias, a **visão atual** era construir uma arca. Qualquer pessoa que falasse outra coisa estava fora da visão e morreria no dilúvio que estava vindo sobre a terra, pois só seria salvo quem estivesse na arca. Em que fase está o plano eterno de Deus hoje? Qual deve ser a visão atual da igreja na face da terra, neste planeta que está rodando no espaço?

A IMINENTE VOLTA DE JESUS! Ele está prestes a voltar! O plano de Deus está chegando às suas etapas finais. O que precisamos fazer a fim de nos preparar para esse evento? A volta de Cristo deve ser um valor comum de todos os cristãos. Não pode haver uma única rede de igrejas que a não tenha como valor principal.

No entanto, a questão sobre como se preparar para a volta de Cristo é ampla. Alguns acreditam que a igreja vai subir de repente e desaparecer e, por isso, não é preciso preparar-se para os tempos difíceis que vêm sobre o mundo. Mas nós não cremos assim. Cremos que os tempos difíceis estão chegando, e o princípio das dores já está conosco. Não sabemos quanto

tempo durará esse princípio das dores até chegarem as dores de verdade, mas entendemos que a igreja estará na terra e que precisa perseverar no meio da tribulação. Na verdade, ela é quem vai contribuir para trazer essa tribulação, assim como Elias fez nos seus dias, cerrando os céus para não haver chuva, e como Moisés que feriu o Egito com as dez pragas. Em outras palavras: a igreja não será apenas uma plateia passiva, mas um grupo profético de protagonistas dos últimos dias. As trevas cobrirão a terra, mas a luz surgirá sobre nós. A igreja estará muito ativa, e as exortações das Escrituras são: *“Prepare-se, e não compre pouco azeite porque pode ser que o Noivo se atrase”*.

Você percebe como isso é prático? Muitos acham que basta frequentar as reuniões aos domingos. De certa forma isso é bom, porque ajuda as pessoas a continuar sendo crentes, mas, quando as trevas vierem, não ficarão firmes porque não juntaram azeite suficiente. Se você não alertar sua igreja sobre a prioridade de preparar-se para a volta de Cristo, você poderá ser um obstáculo para a obra de Deus na terra. Não basta fazer com que as pessoas se sintam confortáveis (pastoreadas, visitadas, tranquilas emocionalmente e financeiramente), e que você apenas estenda a mão às que estão com problemas. Não que não se deva fazer isso, mas, nos tempos vindouros de tribulação, as pessoas poderão não sobreviver espiritualmente caso você, pastor, for preso por ter falado contra, por exemplo, a ideologia de gênero, e sua igreja for fechada pelo governo. Você permitiu que elas ficassem confortáveis, acomodadas, dependendo de você, da liderança ou do líder de grupo, e não compraram azeite suficiente. Jesus, quando vier, lhes falará: *“Não os conheço!”*.

Preparar a igreja para a volta de Cristo é uma questão urgente. Devemos, por exemplo, cobrar das pessoas: *“Você está lendo a Bíblia todo dia e fecha a porta do seu quarto para orar ao Pai que está em secreto? Você conhece Deus e está tendo comunhão com ele? Você está se preparando para sobreviver e continuar firme mesmo que não haja ninguém por perto?”*. Se elas responderem que

não sabem, deveremos exortá-las a comprar azeite, praticando essas disciplinas espirituais e ajudando outros a fazer o mesmo. É preciso que elas se preparem, porque a noite vem quando ninguém vai poder trabalhar. É preciso trabalhar enquanto é dia, enquanto ainda temos tempo, apesar de não sabermos quanto tempo nos resta.

Comentários:

Abnério – O pastor não exerce um domínio sobre a ovelha, mas precisa incentivá-la e trabalhar para que ela compre azeite. Esse é um dos seus grandes desafios. Ele é um facilitador para que a ovelha conheça mais ao Senhor.

Clésio – Penso que, nesse assunto, entra também a questão do sacerdócio da casa, onde o pai funciona muito bem no sentido de estimular todos a buscar Jesus não só no templo, não apenas nas reuniões.

Harold – Não pode ter exagero em nenhum dos dois lados, nem da palavra profética (exortação para se preparar para volta de Cristo, repreensão, alertas) nem da palavra pastoral (palavras de cura, alimento, edificação, encorajamento, aconselhamento). A igreja adoecerá se tiver só um ou só o outro.

2º Valor – Avivamento e Reforma

Harold Walker

Nós não cremos que a igreja se encontre do jeito que Deus deseja; nem nós somos do jeito que Deus quer que sejamos. Achamos um absurdo, por exemplo, que não curemos os cegos nem levantemos os paralíticos; que exista pecado dentro da igreja e que algumas pessoas consigam permanecer anos a fio sem confessá-lo, sem se arrepender.

Lembro-me de quando ainda morava em Rubiataba e o Espírito Santo começava, de vez em quando, a visitar a igreja. Algumas pessoas, que sempre aparentavam ser “normais” na reunião, de repente ficavam endemoninhadas. Sabe por que o demônio não se manifestava antes? Porque a unção era baixa. Sobe a unção, e o demônio aparece na hora.

Avivamento significa que a nossa vida cristã como igreja (paixão por Deus, fé para a cura, amor pelos perdidos e poder para expulsar demônios) pode subir um grande degrau. Ainda estamos longe do que poderíamos ser e, por isso, devemos clamar por avivamento; para Deus nos levar a subir esse degrau e restaurar o ministério de cura, milagres, convicção do pecado, arrependimento. As pessoas hoje ouvem a palavra e a elogiam, mas não saem transformadas, não mudam de vida; não acontece quase nada na vida delas, e voltam no domingo seguinte para repetir a dose.

Contudo, enfatizar apenas peso por avivamento pode matar a igreja; ela não aguenta. Não pode ser só isso. Por exemplo, em nosso corpo há o fígado, que produz a bile, um fluido essencial para manter a saúde, mas que deve funcionar na hora certa, lugar certo e quantidade certa para não produzir sérias consequências. Não pode ter apenas bile, porque a bile corrói tudo o que vê pela frente, mas não deve corroer o corpo. A igreja local não pode apenas ouvir sobre avivamento, ela precisa ser

cuidada. Então, devemos lembrar-nos de manter em equilíbrio essas duas ênfases: paixão por avivamento (insatisfação com nosso estado espiritual atual, exortação profética para nos tirar do comodismo) e cuidado pastoral (encorajamento, aconselhamento, gratidão, rotina normal de família).

O avivamento que estamos esperando não é pequeno; não é uma reunião mais “*abençoadinha*”. O avivamento que esperamos é o derramamento do Espírito Santo sobre a terra, e ele vai levar a igreja para outro nível. Quando chegar, as pessoas vão se arrepender de seus pecados mesmo antes de entrar na igreja, assim como aconteceu no Avivamento no Congo; ou na Argentina quando um jovem seminarista, vendo o que estava acontecendo, pegou sua mala e foi embora. Avivamento de arrependimento de pecado, de mudança de vida, de choro, de cânticos espirituais celestiais, de cura, não acontecerá apenas na “*nossa igreja*”, mas em toda a Igreja do Senhor na face da terra.

Precisamos ter muito cuidado para não nos envolver com a rotina normal da igreja a ponto de perder a paixão por avivamento e abrir mão do alvo que é “*toda carne cheia da glória de Deus, como as águas cobrem o mar*”. Temos experimentado, recentemente, em Jundiaí, algo inédito, muito mais presença de Deus no louvor e na Palavra, pessoas chegando e se convertendo. Apesar de ser maravilhoso, isso é avivamento? Não! Logicamente, não devemos desprezar o que está acontecendo. Graças a Deus, ele está começando a responder a oração enviando gotinhas de chuva, mas queremos mais. Precisamos ser gratos, reconhecer, honrar, animar e encorajar, mas nunca abrir mão do avivamento que estamos esperando.

O primeiro sinal de avivamento é a oração contagiante, quando as pessoas vêm para orar sem ser pressionadas ou forçadas. Elas vêm orar porque querem orar e porque veem outros orando. Elas são contagiadas pelo “*vírus*” da oração, e isso é um sinal de avivamento. Você não tem isso ainda na sua igreja? Então,

ore mais até que Deus comece a tocar os corações e as pessoas comecem a sentir esse toque. Quando entramos numa igreja onde há muita oração, podemos sentir os efeitos no ambiente; é diferente. Oração é cumulativa, ela é acumulada durante horas e anos; não é de uma hora para outra, acumular oração gasta tempo.

O outro elemento que sempre precisa acompanhar Avivamento é a Reforma. São coisas complementares. Não é bom ter um sem o outro. Reforma significa que, quando o Espírito Santo começar a agir, não será das mesmas maneiras que agiu no passado. Ele sempre quer fazer coisas novas porque é criativo. E quando começa a se manifestar de maneira nova (avivamento), nossas estruturas precisam mudar (reforma) para adequar-se a isso.

Por exemplo: Jesus falou sobre o mal que faz colocar vinho novo em odres velhos. O vinho novo é efervescente e rompe os odres velhos e inflexíveis. Estruturas velhas não conseguem conter as novidades que o Espírito traz. Se queremos avivamento, um novo mover do Espírito, precisamos estar dispostos a aceitar novas formas de culto, de governo na igreja, de adoração, de evangelismo, de serviço social. Precisamos de elasticidade, maleabilidade, flexibilidade. Precisamos ter a mente aberta, porque o Espírito Santo não vai começar a agir de maneira forte, mas bem discretamente. Porém, se você abre espaço e cria estruturas adequadas, ele começa a intensificar sua maneira de agir.

É muito triste admitir isso, mas apesar de muitas vezes orarmos, clamarmos e insistirmos, buscando avivamento, quando o Espírito começa a mover-se de forma diferente da que imaginamos, passamos a resistir a ele e a criticar as pessoas que começam a agir de formas novas. É possível sufocar o avivamento em seu nascedouro. A Palavra nos exorta: “*Não extingais o Espírito*” (1 Ts 5.19); “*Não entristeçais o Espírito*” (Ef 4.30). As estruturas antigas, que suportavam o fluir superficial do rio

de Deus, não aguentam quando esse rio começa a transbordar. Precisamos *“cingir os lombos do nosso entendimento”* (1 Pe 1.13), para aceitar mudanças em nossas interpretações favoritas das Escrituras e em nossas liturgias prediletas, porque a graça que vai ser revelada no último tempo precisa de odres novos. Isso não significa que devemos aceitar indiscriminadamente qualquer tipo de reforma. Precisamos fazer uma reforma dirigida pelo Espírito e fundamentada firmemente nas Escrituras e nas lições que podem ser aprendidas pelo estudo sério da história da igreja.

Na prática, então, precisamos estar intercedendo por avivamento e exortando a igreja a entrar em dores de parto para isso . Ao mesmo tempo, devemos implementar mudanças em nossos cultos e estruturas de governo que vão ser mais favoráveis ao mover do Espírito e que vão preservar o avivamento que virá. Se cremos que Deus vai derramar o seu Espírito como nunca antes, precisamos, desde já, alargar nossas tendas para acolher a grande colheita que virá.

Assim, devemos buscar com todo o nosso coração AVIVAMENTO e REFORMA!

3º Valor – Alinhamento com Israel

Harold Walker

Quero começar minha explicação sobre esse valor das igrejas aliançadas do Ministério Impacto citando um trecho da introdução do novo livro de Asher Intrater, intitulado Alinhamento:

*Deus é **Pai**. Ser pai é uma combinação de **amor e autoridade**. Exercer amor sem autoridade é ser amigo, não pai. Usar autoridade sem amor é agir como patrão, não como pai. Já que Deus Pai é ambos, amor e autoridade, somos atraídos para alinhar-nos com ele. Esse alinhamento tem ao mesmo tempo intimidade e submissão. Há intimidade por causa do seu amor; há submissão por causa de sua autoridade.*

Quando temos um coração quebrantado e uma consciência sensível, procuramos esse alinhamento de intimidade e submissão em todas as situações. Em qualquer grupo ou organização, a maioria das pessoas quer apenas aquilo que as beneficia. Essa atitude autocentrada limita e frustra o que poderia ser gerado no grupo caso houvesse mais cooperação e unidade. Sempre há um bem maior a ser alcançado.

Alinhamento é uma ordem que permite que cada um tenha seu lugar apropriado a fim de que todos funcionem e deem fruto. Alinhamento é uma ordem baseada em intimidade e submissão. Origina-se com Yeshua e o Pai e se estende para todo grupo possível, onde quer que duas ou mais pessoas estejam reunidas para um propósito em comum. Por causa do bem maior do grupo como um todo, o indivíduo deve estar disposto a submeter-se à autoridade daquele grupo.

Se um violinista se torna membro de uma orquestra sinfônica, ele quer produzir a melhor música. Ele não entra na orquestra por causa da orquestra em si, mas por causa da beleza da música que será gerada. Por outro lado, se não existir ordem, não haverá

música alguma, apenas ruído. O violinista vai querer submeter-se à liderança do maestro da orquestra. Ele vai querer que todos se submetam àquela ordem. Ele vai querer que o violoncelista, o pianista e o percussionista estejam alinhados com o condutor a fim de que possa haver bela música. Se não houver alinhamento com o condutor, não haverá sinfonia.

(“Fon” significa “som” como em fonética. “Sin” significa “junto” como em simpatia. Uma sinfonia é constituída de sons fluindo em conjunto. A beleza está na harmonia. Alinhamento produz harmonia, que gera beleza.)

O mesmo princípio se aplica a qualquer grupo. Um time de futebol precisa estar alinhado com seu técnico. Um negócio de sucesso precisa estar alinhado com seu chefe; uma igreja, com seu pastor; uma família, com seu pai; um governo, com seu primeiro-ministro; um exército, com seu comandante. Maior alinhamento, então, é necessário quando nos referimos ao plano de Deus para a humanidade e para sua criação!

Num estádio, avião ou teatro, existem assentos marcados e numerados a fim de que todos tenham lugar. A ordem serve para proteger o fraco. Se não fosse assim, todo valentão passaria por cima dos mais fracos em seu caminho. O plano de Deus tem ordem porque ele quer que todos tenham um lugar.

*Uma pessoa de bom coração busca o bem maior. E o bem maior requer cooperação. Alinhamento e submissão aos planos do líder são necessários para que haja cooperação. **Uma pessoa de bom coração busca alinhamento com os propósitos do grupo e de sua liderança.***

Sempre que nos juntamos a um grupo, procuramos cooperar para o alvo comum. Imediatamente, buscamos entender que alvo é esse e quem está na liderança. Também nos submetemos a ambos: à autoridade e ao propósito. Temos uma postura de trabalho em equipe e uma atitude de cooperação.

É impossível andar sem referencial. Por mais que alguém pense que não tem referencial, sempre existe um, mesmo que seja inconsciente. Deus quer que tenhamos um referencial, um referencial certo. Deus não acha que todos os lugares e as igrejas são iguais. Ele escolhe lugares e pessoas específicas para fazer coisas diferenciadas. No Novo Testamento, ele escolheu Jerusalém, Antioquia, Éfeso e Corinto para propósitos distintos e importantes. Mesmo no reino milenar, vai haver uma capital, um centro de onde toda a autoridade emanará. Jerusalém é esse lugar!

“...porque de Sião sairá a lei, e de Jerusalém a palavra do Senhor” (Is 2.3) O que temos entendido sobre alinhamento não é nos alinhar com algum outro ministério mais o conhecido hoje e que tem alguma influência internacional, mas com REVIVE ISRAEL/TIKKUN GLOBAL, em Jerusalém. Deus está levantando uma palavra profética em Jerusalém e, por incrível que pareça, ela é muito idêntica à que recebemos já faz muitos anos, sem que tivéssemos nenhum contato. Por isso, entendemos que nós, como igrejas associadas do Tikkun Brasil, devemos andar em alinhamento com Israel. Isso não significa andar debaixo da cobertura de uma equipe apostólica em Jerusalém; nem mesmo usamos esse termo "cobertura" porque não é bíblico.

Por exemplo, Asher não tem condições de saber o que se passa conosco no Brasil e, conseqüentemente, não tem condições de exercer autoridade sobre as nossas igrejas. Estar alinhado com Jerusalém significa perceber o que Deus está falando lá e comparar com o que ele está falando conosco para, então, andarmos numa mesma linha usando isso como referencial.

Meu primeiro contato pessoal com Jerusalém foi em 2009. Depois disso, Asher veio várias vezes (a cada dois anos) ao Brasil e eu fui várias vezes (a cada dois anos) a Jerusalém. Mas essas idas e vindas não foram planejadas nem organizadas, simplesmente aconteceram. No milênio, todas as nações subirão a Jerusalém

todo ano (Zc 14.16), mas eu quero começar esse costume antes disso e levar pessoas comigo para conhecer e amar nossos irmãos messiânicos. Várias pessoas que foram comigo voltaram com a vida mudada, leem a Bíblia de forma diferente e enxergam tudo diferentemente. Por isso, nós precisamos estar ligados e unidos; isso nos trará bênção, união e segurança.

O assunto sobre avivamento sempre esteve no nosso coração; inclusive temos o jornal Arauto de Sua Vinda, publicado há muito tempo, que só trata disso. Mas Asher trouxe uma ênfase maior sobre Joel 2.28a, que diz: *“Acontecerá depois que derramarei o meu Espírito sobre toda a carne...”*. Ele afirmou que, no Pentecostes, em Atos 2, Deus não derramou o Espírito sobre toda a carne, mas, no fim da História, ele cumprirá essa promessa e haverá um Pentecostes mundial. Estamos alinhados com isso! Em todos os anos agora, na festa de Pentecostes (Shavuot), os irmãos de Revive Israel têm dez ou doze horas de oração. Isso é maravilhoso! Será que acontecerá novamente? Quando? Sim, vai acontecer! Vamos nos unir com eles nessa expectativa e nessa oração que já tínhamos antes.

Há algo muito dinâmico e forte acontecendo nesse alinhamento com Israel. Isso, porém, não significa que você precise ir lá para estar alinhado, mas significa que precisa estar alinhado com quem está alinhado. Nem todo mundo precisa ir a Israel, mas todos precisam saber a palavra que está saindo de lá e alinhar-se com ela. Nós definimos, claramente, que esse alinhamento com Israel é um dos nossos valores centrais, como associados do Tikkun Brasil.

Observação: Asher Intrater esteve conosco na virada do ano de 2016 para 2017 e, na oportunidade, recebeu uma palavra de Deus muito forte. O resultado disso foi um livro que escreveu e foi lançado em português no início de 2018. É um livro fantástico! Outro livro dele que foi lançado no final de 2019 diz respeito a relacionamentos de aliança. Na verdade, trata-se de um verdadeiro manual sobre a vida normal da igreja.

Comentários:

Harold – Não penso que você precise ficar falando sobre Israel na igreja local. Porém, sem perceber, você já é alinhado, por exemplo, com a Reforma Protestante e com o Avivamento Pentecostal. Todo mundo é alinhado, pois ninguém é uma ilha, ninguém é sozinho. Alinhamento significa que nós estamos como bois trabalhando em pares sob o mesmo jugo e andando na mesma velocidade porque confiamos uns nos outros e temos um referencial comum. Não vamos seguir um homem, não vamos seguir Asher (o próprio apóstolo Paulo falou que era possível ele desviar-se do alvo e pregar outro evangelho e se isso acontecesse desejava ser anátema – Gl 1.8), mas Deus tem um plano para Jesus voltar ao Monte das Oliveiras (em Jerusalém) e governar o mundo a partir de lá. Por isso, o Diabo quer destruir Jerusalém. Não podemos nos ligar a um movimento ou a um homem, mas precisamos alinhar-nos com Israel pelos seguintes motivos.

Primeiro motivo: depois de uns dois mil anos, os judeus voltaram para a sua terra, cumprindo, assim, as profecias do Velho Testamento.

Segundo motivo: o Espírito Santo está levantando em número cada vez maior de judeus que creem no Messias, coisa que não existia.

Terceiro motivo: Deus está levantando lá profetas e mestres que expõem a Palavra com equilíbrio e que entendem a visão geral.

Então, se eu tiver de me alinhar com algum lugar, será com Jerusalém porque é de lá que sairá a lei. Na prática, se você estiver alinhado comigo, estará alinhado com Jerusalém porque eu também estou. Mas você precisa verificar, em cada uma das nossas reuniões e nos materiais que são publicados, se existe algo que está se opondo à sua convicção interior. Nesse caso, você deverá ter a integridade de chegar a nós para perguntar e procurar esclarecimentos e não se permitir ser forçado a concordar com algo que o Espírito Santo não confirma em seu coração. Precisamos ter autenticidade, unidade na diversidade e aprender de Deus como chegar a pontos comuns, onde o Espírito Santo fala a mesma coisa com todos nós. Isso, para mim, é alinhamento.

Ângelo – A forma como entendemos Israel irá moldar nossa maneira de fazer missões, pois moldou a de Paulo. Ele disse: *“Eu exalto o meu ministério de salvar gentios, para ver se de alguma forma eu consigo salvar alguns da minha raça”*. Ele não queria salvar os judeus porque os amava ou porque eram seus parentes, mas porque Israel é o veículo de Deus para a redenção do mundo. Cristo só é o Salvador porque ele é judeu.

Deus havia feito promessas àquele povo: dele, viria a semente da mulher, de Gênesis 3.15; o descendente de Abraão, de Gênesis 12; o filho de Davi, de 2 Samuel 7. Quando Yeshua entra no palco da história, o anjo diz a Maria: *“Ele é o filho de Davi e vai reinar em seu trono”* (Lc 1.32). Em Atos 1.6, os apóstolos perguntaram a Jesus: *“É nesse tempo que você vai restaurar o reino a Israel?”*.

As promessas que Deus tinha para Israel nunca se cumpriram, mas se cumprirão no futuro, quando Jesus voltar. A primeira vinda de Cristo não é o cumprimento de tudo o que a Bíblia fala no Antigo Testamento. Muita coisa se cumpriu, mas é bem menos do que aquilo que ainda vai se cumprir. Paulo queria que Israel se convertesse porque, quando isso acontecer, haverá a ressurreição dos mortos, a volta de Jesus. Isso vai além de

pensar numa "*cobertura*" internacional. Estamos alinhados com Jerusalém por causa de uma cosmovisão, de uma percepção da Palavra. Para nós, esse valor é muito sério, pois envolve a posição de Israel no plano de Deus.

4º Valor – Igreja Centrada no Evangelho

Ángelo Bazzo

Um dos valores comuns da igreja deve ser o evangelho do reino. Porém, nem toda igreja é centrada no evangelho mesmo que tenha atividades de evangelismo e pregações do evangelho a cada semana. Igreja centrada no evangelho é aquela que possui as implicações da mensagem como molde de tudo o que é e faz. O evangelho é uma mensagem que tem uma ideia, um pensamento.

Será que podemos afirmar que praticamos uma vida de igreja moldada numa mentalidade do evangelho? Por exemplo: como o discipulado ocorre? Ele é focado em algo que a pessoa deve fazer ou no que Cristo fez? Como você discipula alguém – focando na mudança do seu comportamento e da sua vida? Isso não é um discipulado centrado no evangelho, pois os “*Vigilantes do Peso*” também visam à mudança de vida. Nesse caso, você não precisa de Jesus, mas de um coaching (treinamento ou instrução).

Discipulado centrado no evangelho significa mostrar o evangelho para a pessoa que está sendo discipulada, isto é, ensiná-la a ter fé em Jesus com relação a determinada área da sua vida. Se o que nós chamamos de discipulado é apenas o ensino de princípios que o não crente consegue viver, esse não é o discipulado centrado no evangelho. Os crentes vivem o evangelho porque têm o Espírito Santo, mas os não crentes não conseguem vivê-lo porque são destituídos dele. Sem o Espírito Santo, é impossível viver o evangelho.

A maneira como lidamos com a formação da família e criação de filhos, por exemplo, é focada na conformação moral ou na conversão pessoal? A pergunta é: no processo da criação de filhos, nós gastamos mais tempo em quê? Estamos mais focados em fazer com que a criança seja aprovada na escola, que vá para a faculdade no futuro ou que se converta? Você está centrado

naquilo com que gasta mais tempo. Estamos ensinando às nossas crianças a decorar versículos ou a arrepender-se dos seus pecados? Não que decorar versículos seja ruim (isso a levará a ser moralmente correta e a ser um bom cidadão), mas, ainda assim, poderá passar a eternidade no inferno.

A maneira como gastamos o nosso dinheiro reflete um coração missionário resultante do evangelho ou um coração focado na estrutura para manter o programa funcionando? Lembre-se: o evangelho é uma mensagem que deve ser levada a lugares onde nunca tenha sido ouvida. Quanto do seu dinheiro tem sido investido nisso ou quanto você é engajado nesse projeto? Isso mostra se você é centrado no evangelho ou não.

Se você pregar sobre Abraão (Gn 22) e um judeu não convertido ouvi-lo e sair concordando porque a sua pregação é parecida com a do seu rabino, você não pregou o evangelho. Pregar princípios do Velho Testamento sem que estejam relacionados com "*Cristo, e esse crucificado*" (1 Co 2.2), não é pregar o evangelho. Ensinar sobre Gênesis 22 não é pregar o evangelho; porém, se ensinar, a partir dele, que existe um Deus bom que perdoa os pecados de quem não merece ser perdoado (antes merece ir para o inferno), que o reconcilia com Cristo e agora ele pode receber o Espírito Santo, isso sim é pregar o evangelho. Toda pregação que se preze tem uma aplicação prática na vida das pessoas, ou seja, dá a receita, os ingredientes, mas também ensina a fazer o bolo. Chamar à frente as pessoas, no final da pregação, a fim de que elas confiem, obedeam e entreguem tudo a Deus, como fez Abraão, não é pregar o evangelho. Se a pessoa for à frente e entregar tudo, estará superconfiante na sua entrega. Mas se sua pregação a fizer entender que de si mesma nada pode fazer porque é pecadora, mas que Jesus morreu em seu lugar recebendo a condenação por seus pecados, aí sim, nessa base, crendo em Cristo Jesus, ela estará habilitada a entregar tudo.

Existem três princípios para que a sua igreja seja centrada no evangelho.

Primeiro princípio: pregar o evangelho uns aos outros.

Pregar o evangelho uns para os outros é fazer com que as nossas conversas informais sejam um meio de lembrar-nos, continuamente, do evangelho. A Bíblia ensina que nós nascemos de novo e temos vida por causa do evangelho. Se, apesar de nascido de novo, o resto da minha vida cristã for baseado em outros princípios (criação de filhos, moralidade, dar o dízimo, não ver pornografia etc.), o fundamento da minha vida será o mesmo do islamismo. Lutero disse que o evangelho não é o ABC, mas o A-Z da vida cristã. TUDO é pelo evangelho! Tudo o que acontece é pela fé, mas ela não vem de simplesmente ouvir a Palavra, mas de ouvir a Palavra de Cristo. A fé não vem de simplesmente ler Êxodo, por exemplo; ela vem quando o lemos entendendo que o Messias crucificado tem a ver com ele. É Jesus que faz a vida nascer no nosso coração e, assim, promovemos conversas com os outros sobre o evangelho.

Conversar sobre o evangelho não é conversar sobre um novo aspecto de determinado versículo ou sobre genealogias, pois o evangelho não é um estudo bíblico. Conversar sobre o evangelho é repetir, continuamente, a mesma história. A história do evangelho não muda, o que, às vezes, torna-se um problema para muitos de nós. Pelo fato de a mensagem parecer cansativa, tentamos inová-la. Mas Deus decidiu, por algum motivo, que quando contamos a mesma história, o Espírito Santo vem e não precisamos inventar ou acrescentar nada novo. Repetidamente, devemos falar que não prestamos; que Deus é santo e que, apesar de merecermos o inferno, o seu Filho graciosamente recebeu toda a condenação em nosso lugar na cruz. Ele ressuscitou para não morrer mais, e agora devemos arrepender-nos de nossos pecados e confiar nele. Ao dizermos isso, o Espírito Santo vem. Nada que falamos uns aos outros, mesmo que seja baseado em um texto bíblico, deve ser dissociado do evangelho. Quão valioso é o testemunho de alguém que, não conseguindo perdoar, lembrou-se do evangelho e teve vitória em relação ao perdão!

Disciplinado é conversar com as pessoas, não sobre o sexo em si, por exemplo, mas sobre como o evangelho molda o sexo e tantos outros dilemas da vida. Por meio da exposição de textos bíblicos, você pode aplicar o evangelho às áreas da vida de alguém que apresentem dificuldade. Aplicar o evangelho significa dizer à pessoa que ela está errada, mas que Jesus morreu por isso e agora ela está habilitada pelo Espírito Santo a confiar e receber a transformação na área problemática da sua vida.

Segundo princípio: proclamar o evangelho para criar uma identidade missional.

No mundo, na nossa cultura, a identidade vem da atividade. Eu faço; logo sou alguém! No evangelho não é assim; nele recebemos a identidade como dádiva. Cristo morreu por mim; logo eu sou dele, isto é, eu sou de Cristo, sou santo e salvo. Isso significa receber uma identidade como dádiva.

“Vós sois a geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo de propriedade exclusiva de Deus, para que anunciéis as grandezas daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz.”
(1 Pe 2.9)

Em outras palavras, esse texto quer dizer que não somos missionários porque fazemos missões, mas fazemos missões porque somos missionários. Existe uma identidade fundamentada e depois uma ação a partir dela. Mas isso só vai acontecer pelo evangelho. Ele é o anúncio da mensagem, e a sua natureza é que molda o comportamento. Todos os que creem no evangelho são missionários. Só há duas opções: ou você é campo missionário (deve converter-se), ou você é missionário no campo (deve pregar para que outros se convertam).

Terceiro princípio: proclamar o evangelho no dia a dia.

Podemos chamar a palavra ou a pregação do evangelho de *“as obras do evangelho”*. Mas não há melhor método de evangelismo do que VIVER o evangelho — viver de tal forma que o reflita.

Talvez você não conheça as quatro leis espirituais nem saiba como conduzir uma pessoa a Cristo, mas o seu estilo de vida mostrará aquilo em que você crê, e suas palavras vão surtir efeito. Isso é proclamar o evangelho no dia a dia.

Em sua epístola, Pedro fala sobre estilo de vida, sobre proclamar e glorificar o nome de Deus. Na sequência, porém, fala sobre política (obedeça ao rei), sobre trabalho (escravo deve submeter-se ao senhor) e sobre relacionamento conjugal (a esposa submeter-se ao marido e este amar a sua esposa). Pedro entende que o modo de vida é o meio de transmissão do evangelho. Isso quer dizer que o seu chamado missionário é ser você mesmo aonde quer que vá (ao barbeiro, ao supermercado etc). Pedro não disse que é preciso começar algo diferente para se tornar um missionário, mas é preciso ter um estilo de vida diferente onde estiver. Esse estilo de vida deve ter uma intencionalidade missional, ou seja, não passar correndo pelas pessoas, mas ter a intenção de pregar-lhes o evangelho. Há diferença entre intencionalidade e amizade evangelística. Esta visa apenas a fazer da pessoa um prosélito para a “*minha*” religião. Intencionalidade, por outro lado, é você ter algo para dar à pessoa. O evangelho é a melhor coisa que você tem e, por isso, quer passá-lo adiante. Se você tem oração constante em sua vida, se tem intencionalidade de fazer missões e um estilo de vida que testemunhe o que você é — você tem tudo. Viva o evangelho onde estiver e ore para que Deus abra as portas a fim de que pessoas sejam alcançadas por seu intermédio.

Quais são suas atividades no dia, na semana e no mês? Quantas dessas atividades podem tornar-se atividades comunitárias? Junte-se a outros irmãos, por exemplo, para fazer um passeio, ir ao supermercado ou fazer qualquer outra atividade listada em sua agenda. E por que não incluir nessas atividades um amigo ou conhecido que ainda não crê no evangelho? Aproveite e converse com ele sobre o evangelho. Não estou falando do evangelismo tradicional que pode ser traduzido em: “*Você está*

errado e eu estou certo, por isso vou lhe ensinar”. Não! Estou falando de conversar, conversar e conversar. Isso é a sua vida, é você! Convide, por exemplo, irmãos da igreja e também não crentes para ir à sua casa e assistir ao próximo campeonato de futebol. Isso é atrativo, quem não gostaria? Juntos ali, vendo o futebol, você terá oportunidade para conversar, tendo sempre o evangelho nos lábios. Você não se esconde nem força a barra, mas continua sendo você mesmo, orando e tendo intencionalidade missional. Agindo assim, é provável que comecemos a ter o evangelho como meio de moldar a nossa própria maneira de ser e não apenas um evangelismo ocasional.

O propósito de muitas igrejas consiste somente em ser igreja, e isso é a melhor forma de nunca ser igreja de fato! Se o alvo de uma comunidade é ser uma comunidade, seus membros são centrados em si mesmos e nunca no evangelho. Dietrich Bonhoeffer, em seu livro *Comunhão*, disse: *“A comunidade cristã não é um ideal que nós devêssemos realizar”*. Em outras palavras, eu não tenho de fazer a igreja acontecer. Não! Ela é uma realidade criada por Deus, em Cristo, da qual nós podemos fazer parte. Se reconhecermos, com clareza, o fundamento, a força e a promessa da nossa comunhão somente em Jesus, aprenderemos também a pensar, orar e esperar por essa comunhão. A igreja não é algo que fazemos, mas é algo que Deus nos dá pelo evangelho. Quanto mais focados no evangelho estivermos, mais conversaremos sobre ele e mais a igreja surgirá como resultado disso. Do contrário, você tornará as palavras *“comunidade”* e *“comunhão”* uma espécie de *“porrete”* para bater no outro que não atendeu às suas expectativas de igreja. A verdadeira igreja é aquela em que o evangelho lhe proporciona algo, pois ela é exatamente aquilo de que você precisa para ser conformado a Jesus Cristo.

5º Valor – Comunidade Pactual (Parte 1 – Igreja Local)

Ivo Ferreira

A palavra “*pacto*” significa acordo ou aliança. O pacto, no Velho Testamento, é representado por uma ocasião solene, na qual pessoas selam um acordo por meio de um ato de derramamento de sangue. Esse acordo pode acontecer entre duas ou mais pessoas que tenham um propósito de realizar algo juntas. O pacto (ou aliança) gera garantia e segurança aos relacionamentos.

Comunidades pactuals são comunidades, ajuntamentos de pessoas, unidas concordemente a partir do entendimento de um pacto. Mas viver um relacionamento de aliança sem o entendimento do que é a Nova Aliança não é uma aliança com Cristo (o evangelho, a Pessoa).

“Semelhantemente, depois de cear, tomou o cálice, dizendo: Este é o cálice da nova aliança no meu sangue derramado em favor de vós” (Lc 22.20)

Jesus, no texto acima, fala sobre o pacto da Nova Aliança, cujo propósito é trazer reconciliação do homem com o próprio Deus; a ira que viria sobre nós é apaziguada, levando-nos a ter acesso à presença do Pai. Hebreus 10 diz que o sangue de Jesus abriu um novo e vivo caminho (vv. 19,20), e Mateus 27 afirma que o véu do templo foi rasgado e podemos afirmar, por causa disso, que agora temos livre acesso ao Pai (v.51). Essa aliança, em primeiro lugar, me livra da ira de Deus que estava sobre mim; e, em segundo lugar, me reconecta (coloca novamente em contato) com Deus. O pacto (a aliança) de Jesus Cristo crucificado (o Verbo de Deus que se fez carne, que habitou entre nós e viveu uma vida santa e plena diante de Deus) foi para que nós tivéssemos vida.

O centro da comunidade de aliança é o Novo Pacto. A questão

é que, muitas vezes, pensamos em relacionamentos de aliança como sendo simples relacionamentos interpessoais baseados na afinidade entre nós, isto é, temos comunhão com as pessoas, conversamos sobre os mesmos assuntos, porque temos afinidade. Porém, essa afinidade, muitas vezes, é carnal e não verdadeira comunhão. Já ouvi cristãos dizendo ter mais comunhão com os colegas de trabalho (não cristãos) do que com os irmãos da igreja. Com isso, demonstram não ter um entendimento correto a respeito do que seja a verdadeira comunhão. É preciso entender que comunhão não é simplesmente estar com pessoas com quem gostamos de conversar, ouvir e falar, mas é estarmos reunidos ao redor do evangelho, da pessoa de Jesus.

Relacionamentos sem o entendimento do que seja a verdadeira aliança não geram comunhão nem igreja. Isso pode ser chamado de confraria, de ajuntamento, de clube, mas não de igreja. Se a igreja tem essas características, os seus membros saem das suas reuniões e marcam encontros na casa de alguém para comer pizza e falar sobre qualquer coisa. Saem dali debaixo de uma leveza porque o seu encargo sacerdotal, naquele momento, foi cumprido. Estavam no culto “*ministrando ao Senhor*” e agora vão ter “*comunhão*” com os irmãos.

Precisamos entender que o sacrifício de Jesus por nós, uma doação sem pretensão de receber algo em troca, deve gerar uma mensagem em nossa mente. A compreensão cognitiva da mensagem (as boas novas) chega ao nosso coração nos tornando redimidos e justificados diante de Deus. Nesse processo do conhecimento de quem é Jesus, eu vou sendo santificado. Ao olhar para a sua vida, o que percebemos é o seu amor, sua entrega e doação. A comunidade pactual se torna, então, a comunidade daqueles que viram os atos de Jesus, o amor de Deus, as características do Pai reveladas no Filho, e tiveram o coração cativado e aquecido por seu amor. A comunidade formada a partir dessa experiência gera uma movimentação comunitária, e cria-se, então, uma cultura coletiva de amor ao Senhor.

“Amarás, pois, o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu entendimento e de toda a tua força” (Mc 12.30).

Esse foi o primeiro mandamento que Jesus ressaltou nos evangelhos. À medida que a comunidade se aprofunda no conhecimento do amor de Deus, ela é aquecida pela paixão por Jesus, vivencia o primeiro mandamento e começa a receber empoderamento e graça para viver o segundo mandamento: *“Amarás o teu próximo como a ti mesmo”* (v.31). O segundo mandamento é tão importante quanto o primeiro, mas é consequência do primeiro, e não o contrário. Nós só viveremos relacionamentos horizontais saudáveis, incluindo uma comunidade pactual, se entendermos o novo e vivo caminho que foi aberto pelo Novo Pacto. A partir do momento em que fico deslumbrado com o sacrifício de Jesus na cruz em meu lugar, o meu coração é aquecido e esticado em amor por ele. E à medida que o amo, eu consigo, pela graça, amar os meus irmãos.

É impossível viver relacionamentos de aliança senão pelo Espírito Santo. A pessoa que anda na carne não tem condições de guardar os termos de uma aliança. O amor de Deus, derramado em mim, gera no meu coração um desejo de unidade, e a unidade gera testemunho de Cristo às nações. Romanos 8.19 diz que *“a ardente expectativa da criação aguarda a revelação dos filhos de Deus”*, e a igreja tem seu papel nisso como afirma Efésios 3.10: *“pela igreja, a multiforme sabedoria de Deus se torne conhecida, agora, dos principados e potestades nos lugares celestiais”*. Porém, só vamos ter graça para revelar essa multiforme sabedoria às potestades quando vivermos a unidade da qual falou Jesus em João 17.21: *“a fim de que todos sejam um; e como és tu, ó Pai, em mim e eu em ti, também sejam eles em nós; para que o mundo creia que tu me enviaste”*. Só existe uma forma de dois se tornarem um: por meio de um pacto. Uma aliança, um casamento, desafia as leis da física (dois corpos não podem ocupar o mesmo espaço ao mesmo tempo ou um é um e dois é dois e nunca dois pode ser

um!) e, por isso, escandalizamos o mundo quando dizemos que “*eu e minha esposa somos um*”.

Benefícios de uma comunidade pactual:

1º – O primeiro benefício tem a ver com uma cultura de compromisso com pactos, isto é, de fidelidade às alianças; pessoas que abraçam o real valor delas.

2º – O segundo benefício tem a ver com o ambiente de amor, honra, afirmação, perdão, confissão, aconselhamento, exortação, submissão. Um ambiente assim permite espaço para o erro.

Muitos não conseguem viver relacionamentos de aliança porque têm problemas com o pecado. Porém, não devemos esquecer que o problema do pecado foi resolvido na cruz. O que o evangelho exige de nós é arrependimento do pecado. Ao nos arrependermos, o evangelho produz em nós poder para viver uma vida de santidade. Ao enfatizarmos o pecado, em vez do arrependimento, nossa tendência é excluir aqueles que pecam ao nosso redor; afinal, pensamos, eles estão manchando a aliança que temos. Ao falar de um ambiente de amor e aceitação, não me refiro a sermos como as igrejas inclusivas que relativizam e abraçam o pecado, mas como as igrejas que trabalham na restauração de quem pecou. De fato, precisamos pontuar o pecado e exortar a pessoa a que se arrependa, mas não vamos excluí-la, porque, nos relacionamentos de aliança, há espaço para o perdão e para a cura. Em comunidades pactuais não existe nem a apologia nem a ridicularização do pecado.

Danny Silk, em seu livro *Mantenha o Seu Amor Aceso*, trata de três temas.

Conexão – As conexões são os relacionamentos de aliança. É um duto por onde o amor do corpo de Cristo flui num movimento de ida e volta. No começo de um relacionamento, esse duto de amor está limpo, e flui vida por ele. Mas, com o

passar do tempo, esse fluir pode encontrar problemas pelo caminho. E aqui cabe um parêntese: onde há pessoas é certo que surgirão problemas de relacionamento. Mas se eu tenho convicção da aliança, não permitirei que os problemas se acumulem e obstruam o canal de conexão por onde flui a vida e o amor. Relacionamentos são como recipientes que contêm a presença de Deus e nos quais ela se manifesta. Por isso, devemos zelar por eles, não pela dependência emocional das pessoas, mas pela dependência moral de Deus. Porque dependendo dele, eu preciso que o canal de conexão, por onde ele flui, permaneça limpo.

Silk trata da conexão, falando dessa manutenção diária que você precisa dar às suas relações. O medo, por exemplo, deve ser extirpado. A passagem de 1 João 4.18 diz: *“No amor não existe medo; antes, o perfeito amor lança fora o medo. Ora, o medo produz tormento; logo, aquele que teme não é aperfeiçoado no amor”*. Eu acredito que o contrário também seja verdadeiro, o medo expulsa o amor. Relacionar-se numa base de medo impedirá que o amor flua entre as partes envolvidas. Por isso, devo ser responsável por cultivar a presença de Deus nos meus relacionamentos. Ou seja: preciso de um plano de higiene nas minhas conexões a fim de que o amor de Deus sempre flua entre mim e meus irmãos.

Comunicação – A comunicação é o meio pelo qual faço a manutenção nos relacionamentos. Ela existe para que os sentimentos sejam comunicados. Isso não significa uma cultura de melindres, mas dar às pessoas oportunidade para falar de suas dificuldades. Talvez, a dificuldade seja algo subjetivo que esteja apenas em sua cabeça, mas, mesmo assim, preciso estar disposto a ouvi-las e a não desprezar sua dor e seus sentimentos. Mesmo percebendo o excesso de fragilidade no diálogo, eu preciso, com graça, mostrar às pessoas as mentiras que estão impedindo que a vida flua em nossa relação.

Limite – Limites são os termos da aliança. Somos chamados

a viver uma vida comum, mas não sem viver também uma vida individual. É importante entender que vida individual nada tem a ver com individualismo, egocentrismo ou egoísmo. Comunhão verdadeira só existe a partir de um coração altruísta, que tem disposição de dar. Por outro lado, não posso liberar espaço para as pessoas na minha vida baseado num discurso altruísta se não experimentei antes essa realidade no meu coração. Não posso dar a outra face para o irmão bater e sair dali planejando assassiná-lo. Preciso experimentar, de fato, a realidade envolvida nessa questão. Se eu tenho de perder e morrer para que a minha vida seja gerada no outro, o que eu preciso é morrer de fato. Porém, se morrer vai gerar morte e não vida em mim, eu preciso estabelecer limites e dizer ao meu irmão: *“Se você passar daqui, vai infringir os limites da nossa aliança e isso vai gerar problemas entre nós”*.

O propósito principal não é gerir relacionamentos, pois teorias de relacionamentos interpessoais, que são aplicadas dentro de uma organização, não resolvem conflitos interpessoais, mas geram comportamentos politicamente corretos. Ao abraçar esse tipo de filosofia dentro da igreja, vivemos uma comunidade de marionetes, pessoas que fingem amar, mas que se odeiam. Não devemos buscar relacionamentos de aliança simplesmente para viver bem, mas porque queremos construir um lugar para a habitação de Deus.

Toda aliança tem um sinal. Em nossa cultura, quando casais se unem, o sinal da aliança são dois anéis iguais. Na Bíblia, o arco-íris, a circuncisão e o sábado são exemplos de sinais de aliança. Os sinais da Nova Aliança são o batismo e a ceia. O batismo (além de outros sentidos importantes) é sinal de ser incluído na comunidade da aliança, e a ceia é sinal da permanência nessa aliança.

Toda aliança tem termos, regras e condições pelas quais os aliançados definem seu comportamento, a fim de preservar a confiança no relacionamento. Não existe uma aliança sem

termos, pois como eu posso confiar no outro sem saber o que ele espera de mim e vice-versa? Ultrapassar os limites da aliança quebra a aliança e gera traição.

A aliança tem um papel de testemunhar aos outros o amor de Deus que existe na comunidade cristã. Logo, se somos uma comunidade cristã, somos também pessoas que têm algo em comum. Isso não significa o que se diz por aí: *“Tudo que é seu é meu”*. Pensar assim resultou em problemas até mesmo na Bíblia. Mas o nosso alvo comum é Cristo.

Comunidade pactual é uma sociedade, um ajuntamento de pessoas que se unem através do novo pacto, ao redor da mensagem de Cristo. Ela tem por objetivo uma cooperação mútua para viver a mensagem do evangelho, tornando as pessoas parecidas com Cristo. A ideia de Deus para a igreja é que ela seja uma família de muitos filhos semelhantes a Jesus. Se em nossa comunidade as pessoas não se parecem com Jesus, não têm o seu perfume, certamente estamos fazendo alguma coisa errada, pois ela existe para expressar Cristo. Veja o que diz Pedro:

“Vós, porém, sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus, a fim de proclamardes as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz” (1 Pe 2.9).

Uma comunidade pactual só existe quando há o entendimento de que cada crente é um sacerdote que ministra a Deus e uns aos outros. Em outras palavras, uma comunidade sacerdotal se forma vivendo relacionamentos pactuais e manifestando a glória de Deus ao mundo.

Comentário complementar de Harold Walker:

A reforma protestante não tinha uma base pactual. Tinha a Bíblia como base. Ou seja: se você tem a doutrina e o credo certo, você está comigo; se não, você está fora. Isso aconteceu porque naquela época eles tinham de ressaltar a verdade bíblica

objetiva para poder resistir e lutar contra o poder monolítico do papado que, por mil anos, usava a autoridade civil e religiosa para manipular a fé das pessoas e tapava as mentes com superstições. Então, apesar de ser errado, é explicável o que eles fizeram.

Porém, nossas igrejas hoje pensam que Deus não se importa se eu quebro uma aliança com alguém. Posso magoar e trair um pastor que foi meu mentor, roubar os membros de sua igreja, começar outra igreja e adorar a Deus como se nada tivesse acontecido! Mas o que nós, as igrejas associadas do Tikkun Brasil, estamos propondo com esse valor de ser uma comunidade pactual é que, se nós ensinarmos corretamente, um colega de ministério poderá até cair em fraqueza e sair, mas não terá coragem de começar outra igreja sem primeiro buscar reconciliação, porque sabe que Deus não lhe permite fazer isso. Se enfatizarmos direito esse valor, todos que andarem conosco vão estar profundamente convictos de que Deus se importa com aliança e não aceita a adoração de alguém que seja traidor.

Só o Espírito Santo pode nos ajudar a sempre nos manter fiéis às nossas alianças, porque não somos pessoas perfeitas e muitas vezes ofendemos nossos companheiros de ministério ou ficamos ofendidos com eles. Pode acontecer, às vezes, de ser necessário nos afastarmos da comunhão por um tempo até que haja reconciliação, e nossas mágoas sejam curadas. Mas isso não significa que vamos seguir em frente como se tudo estivesse normal, ou que possamos começar outra igreja e achar que Deus nos abençoará.

É óbvio que a aliança que nos une a uma congregação local não é *“até que a morte nos separe”* como é a aliança do casamento. Podem surgir situações nas quais precisemos ser liberados de andar tão ligados a determinado ministério porque Deus quer fazer algo diferente em nossa vida. Mas isso nunca deve acontecer num contexto de quebra de aliança. Deve ser feito na luz, falando a verdade em amor, e nos separando em paz, recebendo a bênção dos que estamos deixando. Deus é um Deus

de aliança e odeia o divórcio e a traição.

Dentro desse conceito da aliança, da comunidade pactual, tem outro conceito embutido: o da família. Eles são muitos ligados, pois não tem como ter comunidade pactual se as famílias que fazem parte da comunidade não praticam o pacto na família. Começa na família e, a partir daí, vai para a família maior que é a igreja.

5º Valor – Comunidade Pactual (Parte 2 – Família)

Clésio Pena

Cada vez mais temos encontrado pessoas no ministério com um histórico conjugal desastroso — pessoas que se relacionaram com um, dois ou três parceiros e deixaram seu casamento inicial verdadeiro mesmo depois do compromisso de ser fiéis ao cônjuge por toda a vida. Alguns têm filhos com várias mulheres diferentes. Isso é assustador e tem chegado à nossa porta e às nossas igrejas. Pessoas próximas de nós abandonam a esposa, partem para um segundo relacionamento e ainda falam de aliança. Isso é inadmissível! Não tenho como ministrar sobre aliança se nem mesmo consigo manter a aliança básica, primária, inicial, que é o meu casamento. Não estou condenando ninguém que esteja nessa situação, mas precisamos levantar a bandeira de que algo está errado na construção de nossas famílias, pois há uma permissividade inaceitável nessa situação. Por vezes, considera-se mais trágico abandonar o emprego antigo do que a esposa antiga, ou o marido antigo.

Em toda família há um sacerdote. Deus copiou o modelo celestial da sua família para formar a família terrena, que tem como objetivo expressar o seu amor e ensinar aliança. A igreja precisa empoderar suas famílias e dizer ao homem: *“Você é o homem e o sacerdote da casa; cuide de seus filhos e de sua esposa”*; e às mulheres: *“Cuide do seu marido”*. É em casa que meus filhos precisam saber que nasceram para honrar a Deus, e não num retiro ou numa escola dominical. Essas coisas ajudam, mas é na família que se ensina a honrar a Deus. Isso deve ser um legado para os nossos filhos.

Anos atrás, em Rubiataba, pedi a John Walker que me permitisse encontrá-lo todas as tardes para conversarmos. Pela manhã ele preparava, como se precisasse, um estudo para podermos conversar à tarde. Numa dessas conversas, perguntei-

lhe o motivo por que havia deixado os EUA para vir ao Brasil, e ele me deu dois motivos: *“Eu queria criar meus filhos longe do capitalismo e consumismo americano, e também que eles fossem apaixonados por Jesus”*. Veja que a sua razão teve uma intencionalidade. As coisas não acontecem por acaso; eu preciso ter uma intenção (algo calculado) e trabalhar nela com fé. Se der errado, paciência. Agora, se eu não fizer nada, na melhor das hipóteses o meu filho será um bom religioso (vai à igreja, dá o dízimo etc.). Mas e daí? Eu quero um filho religioso ou um filho apaixonado por Jesus? Se eu quero um filho apaixonado por Jesus, tenho de trabalhar para que isso aconteça.

Certa vez, numa festa de aniversário, uma mulher, vendo a atitude obediente dos meus filhos à mãe deles, disse que ela teve muita sorte por eles serem assim. Sorte? Não! Isso foi resultado de estarmos, minha esposa e eu, todos os dias ligados, vendo e trabalhando para isso. Eles não são obedientes porque nasceram convertidos. John Walker fez um comentário interessante sobre um de seus filhos: *“Aquele meu filho demorou demais para aceitar Jesus; só se converteu aos 5 anos de idade”*. O que, realmente, estava em seu coração? *“Esses meninos são Adôezinhos e precisam de algo no coração para que se convertam. Se, aos 5 anos de idade, ainda não aceitou Jesus, o que estou fazendo como pai?”* Olha o choro e o anseio de ver a família apaixonada por Jesus! Os filhos de John Walker não fizeram cursos para se tornarem pastores, mas foram educados no evangelho, em casa. Precisamos levantar essa bandeira porque isso precisa acontecer mais vezes em nossos dias.

Li, sete vezes ou mais, o livro Sete Princípios para a Formação da Família Cristã, de John Walker, e descobri que é verdade o que ele escreveu. Tenho de criar meus filhos com objetivo, e dizer-lhes: *“Estou batendo no seu bumbum para livrar a sua alma do inferno”*. Mas hoje os pais se desculpam dizendo que o filho *“tem muita personalidade”*. Não! Ele não tem muita personalidade, o que ele tem é muito Adão dentro dele. E Adão

só sai com a vara: *“Não retires da criança a disciplina, pois, se a fustigares com a vara, não morrerá. Tu a fustigarás com a vara e livrarás a sua alma do inferno”* (Pv 23.13,14). Então, não é só colocar o filho para decorar versículos, mas colocá-lo debaixo da vara; isso sim o livrará do inferno.

Quanto de nós praticamos o culto doméstico diariamente? Você pratica isso, ou espera que seu filho vá a um encontro de jovens e se converta? Não tenho nada contra encontros e acampamentos para jovens. Foi em um desses encontros que meu filho caçula falou em línguas pela primeira vez. Foi lindo! Sou muito grato pela igreja, pelo Corpo de Cristo, mas preciso dar importância ao evangelho dentro da minha casa. Não se pode separar o evangelho da vida cotidiana. O que estou fazendo com a minha família para que ela se apaixone por Jesus? O que estou fazendo com as demais famílias à minha volta para que se apaixonem por Jesus? É triste ver as nossas concessões contribuindo para a ruína de nossas famílias. Isso é trágico! No evangelho, que é baseado em alianças, não nos é permitido fazer isso com o nosso casamento nem com os nossos filhos.

Minha esposa e eu tomamos sérias decisões, e as mais sérias depois da conversão e casamento foram em prol da nossa família e baseadas no evangelho. Essas decisões foram mais sérias do que nossas finanças, carreiras ou ministérios, porque queríamos uma família apaixonada por Jesus. Nós tivemos uma intenção nessas decisões. Isso não é garantia, mas até hoje posso dizer que está dando certo. Se tivéssemos jogado em *“ponto morto”*, não teríamos chegado ao ponto em que estamos com nossa família e filhos.

Você tem filhos? Tenha intenção de que eles sejam homens de Deus. Nós, pais, temos feito acampamentos no meio do mato e levado nossos filhos homens. Ao redor de uma fogueira, falamos para todos quem é o nosso filho, e o lançamos para o futuro: *“Eu espero que você seja um grande homem de Deus”*. Ministramos sobre sua vida, não colocando peso, mas liberando-o para o

seu destino. Isaque abençoou seu filho Jacó em cima de uma mentira (pensou que era Esaú), e deu certo (a bênção “pegou”)! Nós temos abençoado nossos filhos em cima de uma verdade, mas para isso é preciso ter uma intenção de que eles sejam homens de Deus. Como Josué, devemos declarar: *“Eu e minha casa serviremos ao Senhor”*.

O mundo tem feito coisas erradas, mas seus filhos não precisam segui-lo, pois eles não são *“todo mundo”*. *“Todo mundo namora”*, você diz, *“por que minha filha de 14 anos não pode namorar também?”* Porque ela não é todo mundo. Ela é uma princesa de Jesus. Precisamos voltar para dentro de casa e educar a nossa família para que seja apaixonada por Jesus. Um colega e eu escrevemos um livro, o primeiro da UDF escrito por brasileiros, para o pai estudar juntamente com o filho o caminho da honra. Para que o pai ensine virtudes ao filho, ele tem de *“andar nos trilhos”*. Por exemplo: ele ensina o filho a não mentir, mas mente? Ensina a não roubar, mas rouba? Precisamos voltar para a família nas coisas básicas.

“Maridos, vós, igualmente, vivei a vida comum do lar, com discernimento; e, tendo consideração para com a vossa mulher como parte mais frágil, tratai-a com dignidade, porque sois, juntamente, herdeiros da mesma graça de vida, para que não se interrompam as vossas orações” (1 Pe 3.7).

Se não trato a minha esposa com dignidade, as minhas orações poderão ser interrompidas. É isso que diz o versículo! Como um homem bate na esposa e quer ser um missionário cheio do Espírito Santo? Isso não combina. Como posso me apaixonar pelas meninas na rua, não cuido bem da minha esposa e ainda quero ser um missionário, um homem de poder? Brigo com a minha mulher, sem razão, e vou para o monte orar pedindo unção. Isso não combina de acordo com Pedro.

“Porque eu o escolhi para que ordene a seus filhos e a sua casa depois dele, a fim de que guardem o caminho do Senhor e

pratique a justiça e o juízo...” (Gn 18.19).

Abraão não foi chamado para ser pregador de televisão. Ele foi chamado para ensinar os filhos a guardar o caminho do Senhor e praticar a justiça e o juízo em casa. José nunca foi a uma igreja nem a uma escola dominical, mas quando a mulher quis seduzi-lo, ele lhe disse: *“Por que eu cometeria tamanha maldade contra o meu Deus?”*. Ele disse *“não”* a ela, não podia fazer aquilo porque havia aprendido em casa que não se devia fazê-lo.

Como está a minha casa? Eu tenho um núcleo que tem paixão por Jesus em casa? Nela eu não consigo ser religioso; já até tentei. O impostor que vive em mim só age na rua, na igreja e em outros lugares, mas dentro de casa, todo mundo sabe. Como está a sua casa? Como estão as casas e as famílias da sua igreja? Estamos abrindo concessões? Christopher, em uma de suas pregações, falou sobre os pagãos que sacrificavam seus filhos para alcançar benefícios dos deuses. Eles os queimavam para ter uma boa colheita. Hoje eu torro o meu filho no mercado de trabalho, numa faculdade, para que ele seja bem-sucedido. Mas, saiba, é melhor você morar longe do capitalismo, do consumismo, e ter filhos apaixonados por Jesus, do que fazer dele um grande profissional nessa terra. Isso seria trágico! Que Deus o abençoe, o desperte, o anime a ser um grande pai, um grande marido (ou uma grande esposa), um bom cuidador das famílias desse país.

Com tudo o que anda acontecendo sobre ideologias, a desordem e a confusão vão chegar. Se a igreja for perseguida, não poderemos nos reunir num prédio bonito com ar condicionado. Então, como vai ser? Em família. Por isso, precisamos empoderar as famílias. A igreja não pode mais competir com a família. Precisamos da igreja e a amamos, mas precisamos levar a sério a família, a nossa e a dos demais irmãos. Que Deus nos abençoe!

6º Valor – Ministério ao Senhor

Harlindo Souza

Outro nome que poderia ser dado a esta ministração seria: A relação entre o ministério ao Senhor e o ministério da Palavra. Falaremos primeiro sobre a importância do ministério da Palavra para depois falarmos sobre o ministério ao Senhor, que tem um papel essencial no desenvolvimento do ministério da Palavra.

A igreja é fruto da Palavra e não dos nossos programas, técnicas e modelos de liderança ou reuniões. Podemos perceber isso até na forma como Jesus lidou com o seu ministério aqui na terra. Ele não se preocupou, por exemplo, em dar diretrizes aos apóstolos de como fazer suas reuniões ou programas para atrair as pessoas, mas se preocupou em andar com os discípulos e transmitir-lhes uma palavra por meio da sua proclamação e ensino.

O capítulo 6 de Atos descreve certa confusão que ocorreu entre os discípulos a respeito da distribuição às viúvas que não estava sendo feita adequadamente. Ao serem requisitados para esse serviço, os apóstolos se negaram a fazê-lo porque sabiam que deviam dar prioridade à Palavra e à oração. Sendo assim, sugeriram que outras pessoas com dons apropriados fossem escolhidas para tal tarefa. Quantos de nós, pastores, por causa das necessidades que surgem na igreja local, temos abandonado a Palavra e a oração? Ao fazer isso, estamos deixando de providenciar para a igreja o essencial para que a vida de Cristo seja gerada nela. Negligenciando a Palavra e a oração, só nos restam nossas próprias habilidades para solucionar os problemas que a igreja enfrenta. Não entendemos que o nosso próprio braço não é suficiente para que a igreja viva uma vida sobrenatural.

No livreto *Ministério ao Senhor*, de Christopher Walker, há uma explicação clara a respeito da primazia do ministério

sacerdotal em relação ao serviço levítico. Os levitas eram encarregados de cuidar do tabernáculo; tudo o que dava suporte para a adoração de Israel era efetuado por eles. Enquanto isso, os sacerdotes se preocupavam em ministrar diante do Senhor. Ao chegarmos à vida da igreja desde os tempos do Novo Testamento até hoje, muito do nosso trabalho ministerial tem a ver com o serviço levítico, isto é, com providenciar condições para a adoração e liderar as pessoas para que se comportem de forma correta. Porém, a nossa função principal deveria ser a sacerdotal. Os apóstolos, em Atos 6, entenderam que o serviço deles na Palavra deveria ser fundamentado no sacerdócio. E é nisso também que o nosso serviço deveria ser fundamentado, e não no pragmatismo e na necessidade humana.

“Não havendo profecia, o povo se corrompe; mas o que guarda a lei, esse é feliz” (Pv 29.18).

O povo, quando não tem visão, se corrompe, se deteriora. Às vezes, as nossas programações como igreja não se deterioram, mas a vida de Cristo que deveria fluir em todos os membros se torna cada vez mais escassa.

O que é ministério ao Senhor? De acordo com Atos 13, é o ato de reunir ministros da Palavra para que juntos, pela oração, adoração, comunhão, jejum e compartilhar da Palavra, possam buscar direção e visão para a obra de Deus. Em Monte Mor, temos usado a expressão *“observação profética”* para nos referirmos ao ministério ao Senhor. Ambas as expressões descrevem a mesma atividade, ou seja, pessoas dedicadas à Palavra se juntam para observar o que está se passando no nível do Espírito e esperar diante de Deus para entender o que precisa ser feito e, principalmente, o que precisa ser proclamado a fim de que a vida seja gerada cada vez mais no meio da igreja.

O ministério ao Senhor pode ser praticado diariamente ou semanalmente, mas o mais importante é que seja regular e constante. O grupo que se dedica a esse ministério deve

ser o mais fixo possível ou sofrer mudanças mínimas, pois a constante rotatividade diminui o valor dessa prática. É preciso continuidade e perseverança se almejamos a construção de uma palavra profética. Pessoas novas podem ser acrescentadas e outras podem deixar de participar, mas é preciso haver um núcleo fiel que consiga perceber essa construção da palavra ao longo do tempo.

Quanto maior diversidade de dons e ministérios, melhor, mas ter maturidade é um requisito essencial para que alguém participe do serviço de ministrar ao Senhor. A imaturidade de alguns pode levar o grupo a perder o fluir do Espírito. Outra coisa é que pessoas imaturas podem se sentir ofendidas quando suas direções são rejeitadas. A pessoa precisa ter maturidade suficiente para entender que a sua palavra precisa ser recebida com unanimidade entre os irmãos, uma vez que o objetivo do grupo é encontrar uma palavra que o Espírito Santo esteja ministrando ao coração de todos. Pode ser que demore um longo tempo para que o grupo consiga sintonizar a frequência correta, ou seja, é preciso um trabalho minucioso para encontrar as bases que os une como ministros a fim de que possam começar a trabalhar a partir delas.

Ressalto que o objetivo não é convencer os irmãos da “*nossa*” visão, mas sintonizar-nos para entender qual é o nosso “*mínimo denominador comum*” e, a partir dele, começar a construir algo no Senhor. Isso gasta tempo, não só de reuniões, mas de diálogos, de comunhão e, principalmente, de um esforço para ver o outro com honra, percebendo o que Deus depositou em cada um.

O ministério ao Senhor não é o governo da igreja local, mas não deve estar alienado a ele porque há dons e ministérios diferentes que podem participar dos dois e contribuir para o surgimento de uma palavra profética. É trabalho do presbitério, do governo da igreja local, organizar, administrar e transmitir ao restante do rebanho, da congregação, aquilo que está sendo gerado no ministério ao Senhor. Por isso, ele precisa estar engajado em

entender qual é a palavra profética para que ela possa chegar aos ouvidos da igreja e, assim, produzir o fluir da vida de Cristo.

Perguntas e observações para reflexão:

1ª – Quem deve estar dedicado ao ministério da Palavra?

A igreja local deve ter indivíduos dedicados à Palavra e à oração. Antes de receber sustento para dedicar-se a isso em tempo integral, o dom da pessoa precisa ser reconhecido pelos irmãos da igreja local. Isso significa que, por algum tempo, ela deve dedicar-se à Palavra e ser reconhecida como alguém que possui esse dom ao mesmo tempo que trabalha para o próprio sustento. Isso prova que o ministério é genuíno e não algo profissional ou artificial. Quando dois ou mais indivíduos na igreja local têm dom na Palavra, isso pode se tornar uma força sinérgica que libera visão para a comunidade. Uma palavra dinâmica que flui de um para o outro num relacionamento de comunhão se torna cada vez mais metabolizável pela igreja local. É no diálogo que se constrói a palavra profética, ou como dizem: *“O melhor meio para fazer teologia é através de boas conversas”*. Havendo apenas um na comunidade local, este deve dedicar-se a treinar outros de forma que haja uma multiplicação da palavra profética.

2ª – Qual é a relação entre proclamação e ensino?

A proclamação está relacionada a palavras mais proféticas que vêm para despertar a igreja, e o ensino está relacionado a palavras mais pastorais. A função do ministério da Palavra é:

1 - unir a Palavra e o Espírito de forma que a vida de Deus seja gerada na comunidade;

2 - transmitir uma visão que seja clara e molde o caminhar da igreja nos quatro níveis de visão (geral, atual, específica e individual, conforme o livreto *Visão*, de Christopher Walker);

3 – lançar as bases para um discipulado sólido a fim de que as

peessoas saibam se portar como discípulos de Jesus.

3ª – Como formar novos ministros da Palavra?

Inserindo pessoas, chamadas para esse ministério, no ambiente de ministério ao Senhor. Esse ambiente vai treiná-las a:

1 - não se tornar ministros individualistas;

2 - ser atentas à voz do Espírito Santo para não transmitir apenas conhecimento; e

3 - respeitar e honrar os diversos dons do Corpo de Cristo. Nesse ambiente, os mais novos vão aprender como fluir com os mais maduros; e os mais maduros vão observar como os mais novos se movem, quais são suas contribuições (seus dons), como podem servir à igreja local e ao mesmo tempo crescer no seu ministério.

4ª – Como podemos lidar com as diferenças teológicas?

Acredito que o ambiente do ministério ao Senhor pode nos ensinar a lidar de forma saudável com as nossas diferenças teológicas. Vamos aprender a ter humildade e respeito mútuos, e a estudar com seriedade. É certo que muitos irmãos trarão assuntos novos, diferentes, e não se pode, simplesmente, rejeitá-los, mas dar espaço para conversar, estudar e ver se realmente aquilo é uma palavra que Deus está liberando ou se é algo que não se deve abraçar. Isso precisa ser feito num ambiente onde o amor e a verdade são prezados acima de tudo. As nossas diferenças teológicas só vão ser resolvidas, ou no mínimo, não vão se tornar uma barreira ao nosso avanço, se tivermos paciência para caminhar a partir daquilo que Deus mostrou a todos, onde há concordância. Devemos ter paciência para entender qual é o caminho pelo qual ele quer nos guiar e não o caminho que nós mesmos queremos impor aos outros. Precisamos dar passos dentro daquilo que é possível, e o possível é tudo o que Deus está falando conosco de forma coletiva e unânime.

7º Valor – Oração Coletiva

Harold Walker

Não há como ter união e vida na igreja sem oração, sem uma cultura de oração. Ela pode ser em pequenos grupos, em turnos, nas casas ou em salas de oração. Não existe um formato único para a oração, mas o importante é que seja coletiva e perseverante. Uma reunião semanal é boa, mas não vai surtir muito efeito. São necessárias horas de oração, e o efeito cumulativo vai crescendo à medida que os meses e os anos passam e essa oração não cessa.

Quando vou a Nova York, costumo visitar a Brooklyn Tabernacle que funciona num antigo teatro com capacidade para mais de três mil pessoas. Sempre é uma experiência marcante. Aos domingos, tem reunião em três horários (9h, 11h e 13h). Se você chegar às 8h15 já encontrará o lugar praticamente lotado de pessoas alegres, esfuziantes e acolhedoras. As recepcionistas são de maioria negra, e o maravilhoso coral (The Brooklyn Choir) com duzentas vozes é de muitas nacionalidades. A energia que sai pelas portas desse lugar é algo impressionante. A regente do coral (esposa do pastor), apesar de não ser formada em música, foi quem criou esse coral, hoje mundialmente conhecido. Você não sabe quem canta melhor, se é o coral ou a congregação; e quando alguém levanta a voz em profecia todos conseguem escutar. O Espírito Santo é palpável, você sente a sua presença. Na época de Natal, a igreja faz uma obra social buscando as pessoas pobres em ônibus e as levando para assistir a peças natalinas e ganhar presentes. A palavra ministrada é uma palavra de Deus muito forte. Ao sair da reunião, você pode ver do lado de fora uma fila em volta do quarteirão com pessoas desejando achar um lugar bom para sentar, para a reunião seguinte. Porém, nem sempre foi assim. No começo era apenas um “*punhadinho de gente*” sem chance e sem futuro. O que mudou? A oração. Hoje eles têm uma reunião de oração nas terças-feiras à noite que é uma coisa impressionante; você sente no ambiente a presença de anjos.

Quando tem oração, muita oração, o ambiente da igreja e das reuniões é outro. Nós precisamos entender isso! A oração é cumulativa, mexe com os céus e muda o ambiente da igreja. Em Jundiáí, temos experimentado essa mudança. Antes não conseguíamos ouvir a congregação cantar, mas hoje ouvimos. A igreja mudou muito, mas não tanto quanto nós ainda queremos ver; essas são apenas gotinhas da chuva que esperamos. Quando o ambiente da igreja muda, o Espírito Santo se faz presente, e os dons, as profecias e os cânticos espirituais começam a fluir, mudando o rumo da reunião. É impressionante! Quando isso acontece, as pessoas começam a ser atraídas para a igreja e os assentos na fileira da frente, que antes eram vazios, ficam ocupados. Não é isso que queremos em nossas igrejas? E o que produz essa atmosfera? A Presença! Os incentivos para a congregação cantar mais forte, por exemplo, não são mais necessários porque o Espírito Santo está presente, e em todos há expectativa e desejo de adorar a Deus.

Oração é um valor que nós não negociamos. Se um dos nossos valores é avivamento, como podemos prosseguir sem oração? Cada igreja local precisa descobrir a maneira de agir. Em Jundiáí, por exemplo, faz muitos anos que temos uma corrente de oração de 24 horas, uma vez por mês, e de 80 a 120 pessoas participam em horários de sua escolha. Além disso, temos oração, com poucas pessoas, de madrugada (das 5h30 às 7h) e todas as tardes, de segunda à sexta-feira (das 18h às 19h30). O importante nessas programações é que a liderança passe para a igreja que oração não é uma opção para algumas pessoas especializadas. Oração é o alvo principal da igreja! Jesus disse: *“A minha casa será chamada casa de oração”*. Oração é a atividade central da igreja. Ela tem o privilégio de entrar na Sala do Trono da maior autoridade do universo e influenciar os acontecimentos do mundo. Isso é um direito seu e, na verdade, Deus vai ouvir mais a voz da igreja do que a voz dos ministérios. Foi a rainha Ester que mexeu com o coração do rei, mas, para ela conseguir isso, Mordecai teve de exortá-la e acordá-la do comodismo. A igreja, muitas vezes, está

despercebida e precisa do ministério do profeta para acordá-la, mas é ela que consegue mexer com o coração de Deus.

Por muito tempo, ficávamos frustrados tentando impor aos irmãos um nível de oração que fosse semelhante ao ministério ao Senhor. Mas, agora, não nos preocupamos mais com isso. Entendemos que o ministério ao Senhor é para outro tipo de ambiente. Em nossas orações pela madrugada, há bastante tempo (uma hora e meia) para orar. Seja o que for que alguém estiver orando, sabemos que ele está falando com Deus, pois estamos na Sala do Trono. Sugiro a você que fique atento porque, às vezes, pode parecer que não está acontecendo nada, mas, quando você menos espera, pode ouvir uma palavra vinda de Deus para o seu coração usando as palavras que um irmão simples esteja orando ao seu lado. No ambiente de oração, podemos receber uma palavra de direção ou ter uma visão mesmo quando alguém está orando pela tia que se encontra no hospital ou qualquer outra coisa.

Há momentos na oração em que alguns irmãos ficam muito tempo calados, só escutando a oração dos outros. Podemos chamar isso de escola de oração, onde eles estão aprendendo a orar. Eles começam a ouvir de Deus através da oração do outro. Deus, às vezes, nos fala até por meio de um novo convertido, porque ele não tem problema em usar qualquer pessoa. Precisamos abrir mão do nosso egoísmo espiritual de achar que a “*minha*” oração é mais importante do que a do outro. Oração que não presta atenção quando o outro está orando é melhor fazer em casa, fechado em seu quarto, a sós com o seu Pai. A oração da igreja é oração que escuta e concorda com o que o outro está orando. E isso é muito difícil. É por isso que a disciplina da oração é tão pesada. O ser humano não gosta muito de ficar ouvindo o outro. Ouvir o outro é um exercício para vencer o egoísmo. Nunca desanime. Nunca desista. Quando a mente divagar, não hesite em trazê-la de volta! Persevere! Continue orando porque você é um garimpeiro. Um dia, depois de anos

cavando e peneirando cascalho, vai achar ouro.

Lembre-se! Oração que é início de avivamento contagia. Se não for contagiosa é porque falta unção. Comentar com a igreja sobre a reunião de oração, sobre como se teve a oportunidade de chegar diante do Trono de Deus, torna-se um incentivo para muitos começarem a participar. Incentivar é bom, mas nunca coloque jugo sobre as pessoas dizendo que estão erradas em não comparecer às reuniões de oração. Elas não devem ir com senso de obrigação ou de culpa. Elas devem comparecer por sentir-se atraídas; porque Deus está operando no coração de cada uma por meio de suas orações. É importante que pelo menos dois ou três tenham um compromisso sério de nunca faltar à oração, a não ser por algum motivo sério. Se houver sempre um núcleo fiel ali, outras pessoas começarão a vir espontaneamente.

À medida que a unção aumenta, duas coisas acontecem: os demônios se manifestam e o povo de Deus começa a orar. Quando você vê pessoas que não oravam começando a orar, pode estar certo de que o Espírito Santo está operando, pois o homem não ora sem que Deus o chame. Se ele levanta de madrugada para orar, deve ser obra de Deus e também um sinal de que o avivamento está chegando. Quando isso acontece, o ambiente da reunião geral começa a ficar elétrica com a presença de Deus. Onde Jesus está, até o deserto fica cheio de gente. Espero que nenhum de nós, das igrejas associadas do Tikkun Brasil, pense que terá uma igreja que vale alguma coisa sem que haja muita oração. Esqueçamos todas as outras coisas, mas nos lembremos de que, sem oração, não temos nada. *“A minha casa será chamada casa de oração”*, disse Jesus.

A oração nunca se perde porque ela é conservada e acumulada por Deus num receptáculo. Quando toco nesse assunto, gosto de falar sobre Zacarias. O anjo chegou e disse-lhe: *“A tua oração foi ouvida”* (Lc 1.13). Ele deve ter pensado: *“Qual delas?”*. A oração respondida era a de que ele teria um filho. Ora, ele já não devia estar orando mais sobre isso há uns 20 anos, porque, se

estivesse, não teria sido tão incrédulo diante das palavras do anjo. Afinal, Isabel havia sido estéril a vida toda e agora ele e a esposa estavam com idade avançada. Então, a oração não se perde, ela é conservada. Você pode até esquecer-se das orações que fez, mas Deus não as esquece. Por isso, vamos encher as taças do céu (Ap 5.8) com nossas orações porque estamos precisando de chuva; vamos fazer subir o vapor para que vire nuvens, a chuva desça e alguma coisa comece a acontecer em nossa vida.

8º Valor – Unidade, Unanimidade e Intimidade

Paulo Manzini

“Eu te glorifiquei na terra, consumando a obra que me confiaste para fazer; e, agora, glorifica-me, ó Pai, contigo mesmo, com a glória que eu tive junto de ti, antes que houvesse mundo” (Jo 17.4,5).

Que glória é essa que havia entre o Pai e o Filho antes que este encarnasse?

“Eu lhes tenho transmitido a glória que me tens dado, para que sejam um, como nós o somos; eu neles, e tu em mim, a fim de que sejam aperfeiçoados na unidade...” (Jo 17.22,23a).

Os textos acima me levam a concluir que a glória que havia entre o Pai e o Filho é um nível de unidade que vai além dessa palavra, pois a palavra unidade é fraca para expressar aquilo que o Senhor projetou para o seu Corpo. A unidade que é aquela ligação que o Filho tinha com o Pai antes da fundação do mundo (e também antes da sua encarnação) é a sua glória. Jesus fala dessas duas palavras – unidade e glória – como tendo o mesmo valor. A natureza da relação do Pai com o Filho é baseada em unidade. Infelizmente, como muitas palavras em português, a palavra unidade tem perdido o sentido pelo seu desgaste e uso banalizado.

A obra de Cristo reconquistou para nós a possibilidade de sermos UM, possibilidade essa que não existia antes que ele encarnasse. Por que não tínhamos unidade? Porque nós a perdemos no Éden. Quando Adão pecou, ele e a mulher esconderam-se, primeiro, de Deus e, depois, um do outro, cozendo roupas de folhas ao perceber que estavam nus.

A consequência do pecado é que nós (a humanidade, o ser humano) ganhamos um invólucro, impermeável e impenetrável, depois da queda. Não tinha mais jeito de nos comunicar

eficazmente, nem de ser um. A grande tragédia nisso é que fomos criados para ser um; esse desejo está impresso na nossa natureza, no nosso instinto, no nosso DNA. Somos seres altamente atraídos uns pelos outros. Temos sede e fome de unidade. O ser humano natural e caído tem sede e fome de ser um. Romanos 3.23, diz: “...*todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus*”. Do que eles foram destituídos? Da capacidade de ser um. O ser humano quer muito a unidade, mas não consegue porque está impedido pelo pecado. Não é apenas a igreja que deseja a unidade, mas o mundo também anseia por ela.

A unidade é um nível de ligação, mas há outro nível que é a unanimidade. Vejamos os textos abaixo para não ficarmos apenas na teoria:

“completai a minha alegria, de modo que penseis a mesma coisa, tenhais o mesmo amor, sejais unidos de alma, tendo o mesmo sentimento” (Fp 2.2).

“Rogo-vos, irmãos, pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo, que faleis todos a mesma coisa e que não haja entre vós divisões; antes, sejais inteiramente unidos, na mesma disposição mental e no mesmo parecer” (1 Co 1.10).

No texto acima, Paulo está falando de unanimidade e não de unidade. Nós já temos a unidade, porque, quando Jesus morreu, ele rasgou o invólucro que havíamos ganhado no Éden por causa do pecado. Temos uma unidade básica, pela cruz, que é o depósito inicial para abrir a nossa nova vida. Jesus fez o depósito e, por isso, já temos a unidade do Espírito. Com isso, nós, os que cremos, ganhamos o direito de ficar permeáveis e abertos a relacionamentos.

Mas Deus quer nos levar um passo além da unidade, para a unanimidade descrita nas passagens acima. Por exemplo, numa reunião grande, o ministro de louvor deve falar algo que o Espírito Santo esteja falando, deve discernir o som do Espírito

que une a congregação num único som. Quando adoramos a Deus em uníssono, desfrutamos de unanimidade, além da unidade que já temos em Cristo. Esse é o momento em que sentimos o mover do Espírito Santo e estamos todos na mesma frequência. Isso é um tipo de unanimidade.

O presbitério local também precisa saber se tem unanimidade. Qualquer fator que peque contra a unanimidade no presbitério precisa ser trabalhado. Não dá para governar a igreja sem que haja unanimidade no presbitério. É importante que haja um credo, no qual todos creiam de verdade, juntos e firmes. Isso é unanimidade! Quando um irmão exerce o papel de sênior no presbitério, os outros devem ter unanimidade sobre a sua posição. Unanimidade é crer na mesma coisa, estar juntos no mesmo sentimento e na mesma disposição de pensamento, como diz Paulo.

Para o presbitério local, é importante desenvolver esse mecanismo, essa percepção de que está havendo unanimidade. Em Jundiaí, tivemos uma experiência nesse sentido. O Conselho, constituído de irmãos mais velhos, é responsável por verificar a visão da igreja, conferir se tudo está indo bem e para onde queremos ir. Ele se reúne frequentemente com os presbíteros de governo. Certa vez, enfrentou um problema, porque alguns pastores precisavam sair desse grupo. Eram nove homens decidindo coisas, e essa diversidade de opiniões estava emperrando o bom funcionamento da igreja. Era muito difícil chegar a um consenso; não conseguiam ser unânimes. Os quatro do Conselho estavam reunidos sem nenhuma intenção de conversar sobre isso, mas o assunto surgiu porque estávamos preocupados com a situação e não sabíamos como agir. Mas naquele ambiente de paz entre nós, Deus nos deu a solução em cinco minutos e nos encheu de alegria e paz. Mas como falaríamos que alguns irmãos não fariam mais parte do governo? Já que tínhamos convicção pelo Espírito Santo e unanimidade sobre a decisão, nós nos reunimos com os nove e comunicamos

o que fora decidido pisando em ovos, preocupados com a reação deles. Mas, para a nossa surpresa, a reação foi de alegria mesmo por parte daqueles que aparentemente estavam sendo “rebaixados”. O que levou a esse resultado? Um grupo de homens, muito diferentes um do outro, concordou entre si com o que o Espírito Santo estava falando. Quando houve concordância, liberamos uma série de outras coisas que nem imaginávamos. Unanimidade é algo que vem do céu e ela vem porque a oração de Jesus está sendo atendida.

Jesus orou para que tivéssemos esse elemento da unidade nos ligando; para isso, o Espírito Santo foi liberado a todos nós. Esse entendimento em nosso meio começou quando John Walker reuniu um grupo de líderes e pediu perdão por ter pecado contra a unidade do Espírito. Ele disse: *“Eu pequei porque queria que tivessem unidade da fé comigo e, por isso, eu dividi com vocês. Quero pedir perdão, porque feri a unidade do Espírito que eu deveria ter preservado”*. Houve um momento de perdão entre nós e, a partir daí, a unidade do Espírito, paulatinamente, começou a crescer. Preservamos a unidade do Espírito quando andamos juntos independentemente das nossas diferenças. Entendemos com essa experiência que, se temos unidade no Espírito e nada de unidade na fé, ainda assim podemos ter comunhão uns com os outros, mas não podemos governar a mesma congregação.

A partir da unidade do Espírito, devemos tratar daquilo que nos traz unanimidade, aquilo que nos liga e nos une. Aos pastores que já estão funcionando como presbitério plural e ainda não pensaram sobre isso, dou-lhes o meu parecer. Reúnam-se, tomem café juntos, sentem-se ao redor de uma mesa, gastem tempo orando e depois se perguntem: *“Quais as nossas certezas comuns?”*. Se chegarem a três ou quatro certezas em comum, fiquem nisso e orem para que Deus os una em outras coisas. Vão estudando e entendendo o que Deus deseja; repassem a teologia, leiam os mesmos livros e conversem sobre as mesmas coisas porque o Espírito Santo os fará chegar a outros

pontos comuns. Estabeleçam uma base comum para crescer a partir dela. Se tentarem unir-se, conversar e discutir com base naquilo em que ainda não têm concordância, os problemas vão crescer. Sejam unidos naquilo que concordam, façam uma base ideológica que dê paz ao coração de todos que dirigem a congregação. Quando se acertarem, façam uma aliança em cima disso. *“Nós estamos de acordo? Vamos ser leais uns aos outros nessa base? Os irmãos têm coragem de ficar firmes?”* Se têm coragem, então há uma base para crescer.

Falo essas coisas porque os pastores não têm dado muita atenção para pensar no que eles creem. É preciso pensar, pois como vão andar juntos e como vão pregar a respeito, por exemplo, da volta de Jesus? Deve haver concordância nesse assunto e em outros. Se eles concordam, vão declarar, proclamar e ficar unidos.

Por outro lado, temos sede e fome de intimidade. Jesus morreu também para que a tivéssemos. Ele ora em João 17 para que sejamos um, como ele e o Pai são um. Esse é um nível tal de comunhão no Espírito que a pessoa nem precisa falar nada, pois a outra já está sentindo o que ela sente. Isso deve acontecer, no mínimo, entre marido e mulher, um nível tal de intimidade que os dois podem sentir o tempo todo a mesma coisa e podem conversar para afinar esse instrumento a fim de que pensem da mesma forma sobre todas as coisas. Rosane e eu temos 42 anos de casados e temos algumas experiências nesse sentido. Toda vez que sentimos a mesma coisa, a mesma alegria, o mesmo sentimento e união de alma sobre qualquer coisa, isso se torna um ponto de ligação entre o céu e a terra, de verdade. O Espírito Santo se move poderosamente nessa ligação. Ela é uma ferramenta que Deus deu para começar na família, entre o marido e a mulher. Eles precisam ter essa intimidade porque, caso contrário, vão se sentir incompletos e vazios.

Falamos de três níveis: unidade, unanimidade e intimidade. As pessoas não vão, por exemplo, ao grupo pequeno querendo

seguir uma rotina, mas querendo ter intimidade com as outras. Não dá para ter intimidade na reunião grande; nela podemos ter unidade e o Espírito pode gerar momentos de unanimidade, mas não é possível ter intimidade.

Não é possível ter intimidade com muitos irmãos. Há irmãos que estão na mesma frequência, mas isso pode mudar de época para época, de tempo para tempo. Porém, é algo que funciona. É normal ter mais vínculos com alguns irmãos do que com outros. Sou a favor das “*panelas*” na igreja, mas elas não podem ter tampas. Quando não são exclusivistas, são boas. Porque, na verdade, nós não aguentamos muitas linhas de relacionamento. Temos limites. Se um amigo, às vezes, pode stressá-lo, imagine quatro, cinco ou dez deles stressando você? Não dá. Emocionalmente você não vai aguentar. É preciso cuidar das suas emoções e dos seus níveis de capacidade de prestar atenção. Porque se é amigo, deve prestar atenção quando ele fala, pois pode ser que queira abrir o coração, chegar ao nível de intimidade a ponto de poder confessar suas falhas e seus pecados. Você deve depositar seus tesouros íntimos no coração de algumas pessoas, mas não consegue depositar no coração de todos. Se depositar na vida de alguém, um dia ele poderá abrir o coração com você porque sabe que o seu coração é dele.

Eu creio que Deus faz ligações entre as pessoas assim como fez com Jônatas e Davi. Deus tinha um propósito na ligação entre eles — ele estava providenciando o trono para Davi. A base do trono era uma amizade pela qual Jônatas sacrificou a sua vida. Ele deu o seu trono e a sua honra a Davi. E foi por causa disso que Davi se tornou rei. Se tirássemos Jônatas da história, Davi não teria o trono. Eu temo a Deus quando ele faz essas ligações. Há irmãos que têm fortes laços entre si na igreja e eu presto atenção quando isso acontece. Cuidado! Não mexa nisso, porque algo bom certamente sairá dessa ligação. Ligações produzem amizades e amizades produzem ideias e projetos comuns. Muitas missões e obras sociais surgiram como resultado

da ligação que Deus faz entre pessoas que têm o Espírito Santo. Toda vez que Deus liga pessoas que têm o Espírito Santo, elas querem fazer alguma coisa para pregar o evangelho. Quando você vê muita panelinha que não quer pregar o evangelho, não quer fazer nada, pode saber que tem algo errado ali. Tem tampa nessa panela; tire a tampa, porque pode estar bichado!

Comentários:

Paulo Manzini

* Em nossa vida pessoal, somente as coisas que foram iniciadas, primeiro em Cristo, têm valor. Ele é o Alfa e o Ômega!

* Muito mais do que mente e muito mais do que espírito, nós somos alma. Tudo o que acontece em nosso espírito é refletido em nossa alma, que tem sentimentos de amor, de amizade, de vínculos e necessidade de comunhão. A nossa alma é tomada por essas coisas, e isso vem do Espírito.

* De acordo com a oração de Jesus em João 17, devemos ser um, principalmente para que o mundo veja e creia que existem pessoas liberadas para ter unidade umas com as outras. As pessoas do mundo vão desejar essa intimidade, mas não conseguirão tê-la, porque para isso elas precisam primeiramente ser libertas por Jesus Cristo, lavadas pelo seu sangue e nascer de novo.

* Tudo começa, de fato, em Cristo; por isso, não tente fabricar unidade, mas aceite-a quando ela chegar.

* Se você anda sozinho e não consegue se ligar a ninguém, pergunte a Deus o que está acontecendo.

* Quando se tem confiança um no outro, podemos discordar sem problema. Quando todos concordam com tudo o tempo todo, algo está errado.

* Unidade não tem uma finalidade em si, mas é uma consequência. Quando você se converte ao Senhor, fica predisposto à comunhão, à unidade e à intimidade.

* Unidade também é consequência do nosso relacionamento com Deus. À medida que amadurecemos no nosso relacionamento com Deus, ficamos mais abertos e mais permeáveis à unidade, e, conseqüentemente, mais apaixonados pelas causas de Cristo.

* A unidade é a consequência e o meio de Deus alcançar o seu propósito.

* Toda vez que um irmão tem problema de relacionamento com Deus, ele também tem problema de relacionamento com a igreja. Ao quebrar o relacionamento vertical (com Deus), ele começa a ter problema no relacionamento horizontal (com os irmãos), e isso atinge o ambiente da igreja.

* À medida que oramos mais e somos disciplinados pelo Senhor, nós nos tornamos mais abertos e acessíveis aos irmãos. O resultado disso é que as pessoas começam a perceber o amor de Deus em nós. Isso é evangelismo! Porque unidade que não provoca a atração do mundo não é nada.

* Se você vive o primeiro mandamento (amar a Deus sobre todas as coisas), a consequência é imediata: você amará o próximo — não só o próximo da igreja, aquele que lhe faz bem, mas qualquer próximo, inclusive o inimigo.

Harold Walker

* Deus não nos une tirando a nossa identidade, porque ele valoriza as nossas diferenças. De acordo com a Bíblia, nós não somos um “*purê de batatas*”, mas somos o Corpo de Cristo. No corpo, cada órgão é diferente dos demais, tem carisma e identidade diferente.

* Da mesma forma que cada membro do Corpo é diferenciado pelos seus dons especiais, cada comunidade também tem a sua identidade, mas, quando se reúnem (em conferências ou projetos comuns), sentem-se muito bem uma com a outra.

9º Valor – Cultura de Honra

Abnério Cabral

Recentemente, o assunto de honra tem sido tratado de forma bem ampla em diversos livros lançados sobre esse tema. Desde o início da igreja, Deus vem trabalhando com o propósito de entendermos a importância de honrar uns aos outros. No Novo Testamento, encontramos um pouco mais de 50 versículos com a expressão “*uns aos outros*”. Paulo e os outros discípulos de Jesus insistem com a igreja para que os membros aprendam a voltar a atenção para os outros, para suas necessidades, lutas, fracassos e sucessos.

O próprio Jesus declarou que o profeta não tem honra em sua própria casa. Um centurião, ao encontrar-se com Jesus e lhe pedir que desse uma palavra sobre a cura de seu servo, reconheceu que não tinha honra suficiente para receber Jesus em sua casa (Mt 8.8).

Tenho pensado no que o apóstolo Paulo diz: “*daqui por diante a ninguém conhecemos segundo a carne*” (2 Co 5.16) e em outro momento: “*nada me propus saber entre vós, senão a Jesus Cristo, e este crucificado*” (1 Co 2.2). Todos nós temos um aspecto humano que Paulo nos ensina a não enfatizar, pois podemos cair no erro de julgar uma pessoa de maneira errada, tanto de forma negativa (emitindo conceitos sobre alguém conforme os erros que o vimos cometer) quanto de forma positiva (de acordo com o que enxergamos erroneamente segundo a carne). Por exemplo, podemos falar que alguém é legal porque tem dinheiro, um carro bonito ou pela posição que ocupa (Tg 2.1-9). Tanto os julgamentos negativos quanto os positivos que citei estão baseados em conceitos humanos, carnavais, exatamente o que Paulo nos diz para não fazermos.

É necessário que aprendamos a reconhecer Cristo no irmão por meio da obra redentora do Senhor nele. O que Cristo fez na

vida daquele irmão? Onde Cristo o colocou no Corpo? Como ele serve a Deus e qual é o seu ministério? Qual a graça que foi derramada sobre ele para edificar o Corpo de Cristo?

Cristo em vós

“a quem Deus quis fazer conhecer quais são as riquezas da glória deste mistério entre os gentios, que é Cristo em vós, a esperança da glória” (Cl 1.27).

Há esperança quando Cristo está em nós! É dessa forma que o Senhor nos olha e é dessa forma que precisamos olhar para os irmãos, com esperança, tratando-os com esperança, ensinando-os com esperança e exortando-os com esperança...

Precisamos aprender a honrar a graça de Deus na vida de nosso irmão. O princípio da honra que vem do Céu está baseado em quem somos no Senhor, no preço que foi pago por nós, na graça que foi repartida a cada um...

“Para que o nome de nosso Senhor Jesus seja glorificado em vós, e vós nele, segundo a graça de nosso Deus e do Senhor Jesus Cristo” (1 Ts 1.12).

Existe uma graça derramada sobre nós! No versículo acima, Paulo diz que é a graça de Deus e do Senhor Jesus Cristo. Nós precisamos zelar por esta graça nas vidas ao nosso redor. Quando honramos uma pessoa, devemos honrá-la por causa da graça que está nela. Ela desempenha uma função no Corpo de Cristo por causa dessa graça que está nela. Por meio de Jesus Cristo, Deus fez um depósito de sua própria pessoa em nossa vida.

O Senhor, quando reparte os dons, faz conforme seu próprio discernimento, conforme sua própria vontade, e nós precisamos observar isso na vida de nossos irmãos (1 Co 12.11,18).

O apóstolo Paulo diz em 1 Coríntios 3.10 que ele lançou os fundamentos segundo a graça que lhe foi dada. Na hora de tratarmos uma pessoa, devemos observar a graça que está nela.

Quando honramos alguém, seja diante de um público grande ou pequeno, deve sempre ser por causa da graça que está nela.

Durante um culto na nossa igreja em Jundiá, tivemos um momento de reconhecer publicamente quatro irmãos como um Conselho Apostólico sobre o nosso presbitério local e sobre a igreja. Reconhecemos que esses irmãos receberam graça de Deus para corrigir os rumos, aconselhar quando estivermos desviando do alvo, propor direções e intervir quando necessário. Ao reconhecê-los, estávamos valorizando a história que tinham com o Senhor, o serviço prestado ao Corpo de Cristo na nossa localidade e fora dela e oferecendo-lhes honra pelos serviços prestados ao Reino de Deus.

Também temos em nossa igreja um irmão que trabalha como zelador substituto. Ele sofreu algumas complicações de saúde e não tem condições de voltar ao mercado de trabalho; porém, a Previdência não o aposenta. Nós o mantivemos como funcionário apesar de ser necessário contratar outro. Esse irmão é pontual e serve a congregação com alegria; sempre se dispõe a ser o último a sair, mesmo tendo sido o primeiro a chegar. Sempre que nos é oportuno, falamos diante da igreja sobre a importância do serviço do irmão e a alegria com que ele faz as coisas para cada grupo que solicita o uso de nosso salão. A honra sempre é em relação à graça com que a pessoa exerce o seu dom!

Lugar Seguro

Num capítulo do livro *Cultura da Honra*, o autor, Danny Silk, fala sobre a importância de criar um lugar seguro na igreja para que as pessoas sejam elas mesmas sem sufocar a obra de Cristo em sua vida. Precisamos crer que quem dirige a igreja é o Espírito Santo, e que o nosso papel como líderes é apenas ser facilitadores a fim de que ele faça a obra. Nossa interferência não deve sufocar a pessoa, muito menos a obra do Espírito em sua vida.

Nesse livro, Danny Silk trabalha com vários exemplos de como corrigir alguém sem que a pessoa duvide da obra de Cristo em sua vida. A ideia é trabalhar com a pessoa de modo que, ao final da conversa, saia dali sabendo que é amada por Deus e que nunca foi rejeitada pelo Senhor mesmo tendo cometido algum pecado ou erro que possa ter prejudicado a si mesma ou a outros irmãos.

Infelizmente, nossa história como igreja está cheia de pessoas feridas com a liderança pela forma com que foram tratadas com relação a seus erros ou pecados. Às vezes, nos ocupamos mais tentando “*esfregar*” na cara da pessoa o erro que ela cometeu do que nos preocupando com as consequências deste erro em sua própria vida.

É necessário trabalhar para que a igreja seja um lugar onde o pecador sinta liberdade para confessar o seu pecado, onde as pessoas não sejam forçadas a usar máscaras a fim de que ninguém as condene. Não seria melhor ter um ambiente onde as pessoas são elas mesmas e, se elas pisarem na bola, alguém chegue a elas sem diminuí-las ou envergonhá-las?

Conheço uma igreja onde uma irmã, muito dedicada, montou uma equipe de cozinha com o objetivo de servir a congregação em seus eventos. Para isso, precisou organizar a cozinha, fazer um levantamento de tudo o que havia naquele ambiente. Dentro de pouco tempo, algumas pessoas estavam reclamando de sua rigidez, da maneira como conduzia certas situações. O pastor, a cada reclamação que ouvia, perguntava: “*Você acha que, se ela fosse diferente, as coisas funcionariam tão bem? Você acha que, se fosse ruim trabalhar com ela, sua equipe, que já está com ela há alguns anos, continuaria?*”.

Dons de serviço sempre serão questionados. Alguém sempre fará algum tipo de observação a respeito da maneira como essas pessoas fazem o seu trabalho, mas elas precisam ser incentivadas a continuar o que estão fazendo, pois é a forma que têm para

expressar sua espiritualidade e seu amor pelos irmãos. Às vezes, boas conversas e pequenas correções vão resolver situações com esses irmãos.

Três Dicas

Creio que precisamos guardar algumas dicas em nosso coração para não continuar cometendo alguns erros referentes aos nossos irmãos.

"Então, erguendo-se Jesus e não vendo a ninguém senão a mulher, perguntou-lhe: Mulher, onde estão aqueles teus acusadores? Ninguém te condenou? Ela respondeu: Ninguém, Senhor. E disse-lhe Jesus: Nem eu te condeno. Vai-te, e não peques mais." (Jo 8.10,11)

Primeira dica, o **do mais fraco**. Jesus não tratou aquela mulher segundo o pecado que ela havia cometido. Jesus a tratou como alguém que estava em fraqueza, sem nenhuma chance de defesa. Quando um irmão peca, está em fraqueza e não precisa ser condenado, mas sim exortado com amor a não pecar mais.

Quando o apóstolo Paulo quis exortar Timóteo, ele não falou sobre a fraqueza dele, mas o lembrou do investimento do Senhor na sua vida (2 Tm 1.6-8). Paulo incentivou Timóteo a despertar o dom que havia nele e trazer à memória o que lhe fazia bem. Nisso encontramos mais uma dica, a de **trazer à lembrança** das pessoas as promessas que Deus já lhes fez.

Em Apocalipse 2.5, ao chamar a atenção da igreja de Éfeso, o Senhor diz: *"Lembra-te de onde caíste"*. A igreja de Éfeso havia saído de uma posição nas regiões celestiais, assim como alguns de nós quando caímos em pecado. Nessas horas, precisamos de ajuda para retornar à nossa posição em Cristo.

No livreto Paradoxo da Solidão, o autor, Henri Nouwen, mostra a importância da empatia no ministério de Jesus. Sempre que uma pessoa se aproximava de Jesus querendo cura,

Jesus lhe perguntava: "*O que você quer?*". Nesse momento, Jesus se identificava com a pessoa, trazendo humanidade para o momento com esse ato de empatia. Nouwen mostra que o profissionalismo do ministério de cura, atuando sem pessoalidade ou empatia, desumaniza o milagre que o Senhor quer fazer. Quando Jesus exigiu que a mulher hemorrágica que havia tocado na orla do seu manto aparecesse, estava interessado tão somente em olhar nos olhos dela e ter um contato pessoal (Lc 8.43-48). Creio encontrar aqui uma terceira dica, a da *empatia*. (Empatia é a identificação interior com a situação do próximo.)

10º Valor – A Grande Comissão

Ángelo Bazzo

Há necessidade de que a igreja possua estruturas, moldes e organização. As estruturas são criadas a partir dos valores, ou seja, os valores definem as estruturas. Por isso, antes de estabelecer a estrutura, é necessário ter clareza dos valores. A grande comissão é um dos valores que não são propriamente nossos, mas de Deus, do seu reino e da sua Palavra. Por vezes, promovemos estruturas que impedem o cumprimento da grande comissão, uma vez que elas não empoderam as pessoas com a mentalidade de cumpri-la.

Por essa razão, sinto a necessidade de criar na igreja local uma estrutura moldada pela grande comissão, assim como ela é centrada no evangelho. Se o evangelho é o centro da igreja, a grande comissão é a estrutura externa que deve moldá-la, porque a natureza do evangelho implica em que ele seja proclamado. Notícias só são notícias quando proclamadas. O evangelho só é considerado evangelho à medida que o escuto e proclamo para que outros se alegrem também com ele. Então, a natureza óbvia do evangelho é a sua proclamação. Gosto de falar que o evangelho não é um ensino sobre como podemos ser salvos, mas é a notícia de como Deus está nos salvando. Sendo assim, nossas estruturas precisam ser menos voltadas para o ensino e mais para a anunciação, a fim de que possamos capacitar as pessoas para a grande comissão.

“Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações...” (Mt 28.19a)

Esse versículo não é um mandamento, mas um cumprimento. Em Lucas 24.46,47, Jesus disse: *“Assim está escrito que o Cristo havia de padecer e ressuscitar dentre os mortos no terceiro dia e que em seu nome se pregasse arrependimento para remissão de pecados a todas as nações, começando de Jerusalém”*. Percebe o que ele disse? *“Está escrito!”* Ele fala da sua morte, ressurreição

e que em seu nome isso seria pregado a todas as nações. Veja que a ressurreição está ao lado da proclamação, numa mesma frase, fazendo-nos entender que tanto a proclamação quanto a ressurreição são o cumprimento daquilo que os profetas haviam dito. O que eles haviam dito? *“Abraão, sai da tua terra, sai do meio dos teus parentes, vai para a terra que eu te mostrarei e em ti serão benditas todas as famílias da terra.”* Desde o início, Deus está pensando e trabalhando com nações; ele trabalha para abençoá-las a fim de que retornem à posição inicial de Gênesis 1 e 2: *“Sejam fecundos, multipliquem e dominem a terra”*. Esse é o plano da redenção!

O fato de Deus ter uma missão (um plano de redimir todas as coisas) significa que nós devemos estar inclusos nela. Por isso, não podemos criar uma estrutura baseada apenas em pastoreamento, simples ensino e nem mesmo no profético. A estrutura precisa ser apostólica, e a essência do apostólico é um estado de envio. O Pai enviou o Filho (João 5), e o Filho se percebe como alguém que faz o que faz porque foi enviado. A comunidade precisa se enxergar como enviada por Deus para a sua cidade. É óbvio que devemos ajudar missões em outros lugares, mas é preciso gerar uma percepção na comunidade de que ela está em estado de envio. Assim, estar no trabalho já não é algo sem sentido, é o envio; fazer uma faculdade não é mais sem sentido, é o envio; ter um vizinho não é mais ter um vizinho, mas é seu campo missionário.

O evangelismo na igreja teve pelo menos três fases.

1ª As cruzadas – Billy Graham, por exemplo, vai a uma cidade, e muitos são evangelizados. Esse era um meio de cumprir a grande comissão.

2ª Treinamento – Aconteceu, com o passar dos anos, quando as cruzadas diminuíram. Ensinava-se, por exemplo, sobre as quatro leis espirituais e como as pessoas deviam evangelizar.

3ª Cursos – Exemplo: Curso Alfa. O não crente era levado a esses cursos e lá tinha um encontro com Deus e se convertia.

Esses métodos, apesar de terem sido bons, não mobilizavam toda a igreja para o evangelismo. Sempre era uma pessoa, uma equipe ou um lugar, mas não o Corpo todo participando.

Como criar estruturas que envolvam toda a igreja no evangelismo? Primeiramente, é preciso apresentar a ela uma teologia prática do evangelismo. Em outras palavras: como eu relaciono a Palavra com a minha vida no dia a dia? Em segundo lugar, é preciso ter uma comunidade de ministério para pessoas não ordenadas, mas que tenham ministérios considerados importantes. E, em terceiro lugar, ter uma cultura de inclusão. Na igreja primitiva, ninguém foi treinado para apresentar o evangelho. Eles simplesmente estavam lá.

Como podemos, a partir do evangelho, considerar que todas as pessoas na congregação local podem se tornar naturalmente evangelistas e como ensinar isso para a igreja? O pastor deve fazer a sua igreja engajar-se no evangelho, a pensar na natureza e nas implicações do evangelho. O que o evangelho faz? Se eu entendo que fui salvo pela graça, então o evangelho elimina o meu orgulho e o meu medo. Por isso, não me preocupo em ser rejeitado, insultado ou considerado fanático ao proclamá-lo. Reconheço que fui salvo pela graça porque sou tão ruim que nem me salvar eu consigo. O evangelho me leva a uma atitude de humildade diante das outras pessoas. Não preciso mais ter medo de proclamá-lo nem ter uma atitude altiva diante das pessoas, querendo vencê-las com argumentos e protegendo a minha imagem. Esses são os resultados do evangelho ter quebrado o elemento de orgulho em mim. Ensinar isso para a igreja a levará gradualmente à humildade e, conseqüentemente, poderá abordar graciosamente um não crente no seu dia a dia. A igreja não precisa ter medo de ser humilhada porque Jesus foi humilhado; mesmo sendo Deus, não se apegou a isso e se tornou homem. Ao descer tanto, ele se tornou o nosso maior exemplo.

Além de eliminar o orgulho e o medo, o evangelho também elimina o pessimismo. Jamais devemos desanimar e pensar que alguém não pode ser alcançado. Todos têm o coração duro até que as boas novas venham eliminar essa dureza. A única base de alguém ser salvo é a ação de Deus pelo evangelho.

O evangelho também tira de nós a indiferença. Tenho um amigo que odiava os pais por ter sido maltratado por eles na infância. Esse sentimento o acompanhou depois de convertido e, por isso, ele não orava pela conversão deles. No caso, isso é errado e triste. Mas nós devemos amar as pessoas e compartilhar com elas o que temos de melhor. E o que temos de melhor senão o evangelho? Porém, é possível passar o ano todo conversando com a sua igreja e, mesmo assim, não ver a sua vida moldada para cumprir a grande comissão. Não dá mais para ser assim! Não dá mais para ser indiferente e passar pelas pessoas sem proclamar o evangelho. Paulo se sentia um devedor, e nós não?

Nem todos vão sair pregando por aí, mas há aqueles que têm uma espécie de ministério informal na igreja. Eles alcançam vidas no dia a dia, nos encontros casuais com as pessoas. Nesse tipo de ministério, não se deve consultar em todo momento a opinião da sua liderança e pedir-lhe autorização. Nem tudo precisa passar pelo “cajado” do pastor. A liderança deve discernir se existe uma dependência exagerada e fazer a pessoa entender que está liberada para agir. O pastor ou a liderança pode marcar para conversar com essa pessoa uma vez por mês, por exemplo. Ela não precisa de treinamento, porque já sabe o que fazer, mas de incentivo e de uma palavra de apoio como: “*Eu acredito em você*”. O treinamento pode não ser bom nesse caso porque a tendência é treiná-la a fazer exatamente o que nós faríamos. Em vez disso, converse com ela sobre o evangelho e a missão cristã. Assim, os valores missionais do evangelho vão moldar o que ela vai fazer. No mais, deixe-a fazer e inventar seu próprio modo de agir no ministério. Não queira dar-lhe tudo!

Há também o que chamamos de ministério voluntário. Ele

atua fora dos cultos, encontrando pessoas e trabalhando com elas informalmente. A característica desse ministério é ser orgânico, relacional, centrado na Palavra e ativo. É a pessoa leiga que toma a iniciativa de alcançar outras pessoas. Ela não é forçada pelo pastor a fazer isso, pois é algo com que ela própria está sonhando. Cabe a você, pastor, injetar-lhe ânimo e ensinar-lhe integridade, e não novas técnicas de evangelismo.

Existem dois problemas na integridade contrários um ao outro: 1) o crente relacional que ama a Deus e fala do evangelho, mas que só tem amigos dentro da comunidade cristã; 2) o crente muito relacional fora da igreja, mas com a fé privada (ninguém sabe que ele é cristão). Esses tipos de pessoas não fazem diferença alguma. Descobri que o melhor método de evangelismo é falar a verdade onde quer que estejamos. Ao ser questionado pelos colegas de trabalho sobre o seu fim de semana, por exemplo, a pessoa pode falar sobre o retiro e o que ela aprendeu sobre o perdão. Compartilhar a verdade acaba tornando-se um testemunho, porque a pessoa fala com simplicidade sobre uma coisa real que aconteceu. A pessoa íntegra não faz um teatro com a sua espiritualidade, mas a torna pública.

Pedro cita três áreas nas quais a espiritualidade afeta a vida pública: na política, na família e no trabalho. Por isso, você não deve limitar a sua espiritualidade à esfera privada. Nossa relação com a política, com os líderes da nação, deve ser o que a Bíblia diz: honrar ao rei e aos governantes. A maneira como você se relaciona com as autoridades vai falar muito àqueles que estão à sua volta. Isso é evangelismo! Suas obras, sua integridade, são evangelismo.

Sugestão de como fazer uma cultura inclusiva na igreja na pós-modernidade:

Primeiro nível – Eventos que não sejam do tipo evangelístico e que sempre terminem com: *“Quem quer se converter, venha à frente!”*. Afinal de contas, nenhum pecador quer se converter.

É preciso criar uma cultura em que as pessoas tenham contato com você sem ser pela “*amizade evangelística*”. Esse tipo de amizade diz: “*Não quero ser seu amigo, quero apenas levá-lo à minha igreja. Por isso, vamos jogar videogame na minha casa para eu ganhar a sua vida*”. Não! Antes, seja amigo de verdade e seja verdadeiro com as pessoas sobre a sua fé. Caso promova alguns eventos, que não haja confrontos evangelísticos, pois é o testemunho de vida que importa naquele momento. Um evento de música (não evangélica), por exemplo, pode mudar o conceito das pessoas sobre os cristãos: “*Eles também gostam de boa música*”.

Segundo nível – Reuniões que promovam um valor cristão, mas que ao mesmo tempo interfiram na realidade. Como os Narcóticos Anônimos (NA), por exemplo, você não vai lá para pregar; vai para se reunir e conversar com as pessoas sobre drogas. Irmãos podem estar presentes, mas não para evangelizar.

Terceiro nível – Grupos de interesses comuns. Por exemplo, um grupo de mães para falar sobre amamentação; um clube de livros; etc.

Quarto nível – Grupos de discussão sobre o cristianismo que possam ser feitos no ambiente dos não-cristãos, não no nosso. Nesse ambiente, pode haver palestras com temas definidos como: “*Se Deus é bom, por que o sofrimento existe?*”. Esse é um tema que todo mundo questiona. Esse grupo é apenas para uma compreensão filosófica do evangelho.

Quinto nível – Grupos de interesse para ler, estudar e discutir, por exemplo, o livro Cristianismo Puro e Simples, de C.S.Lewis.

Sexto nível – Uma apresentação mais fiel do evangelho.

Não é necessário passar por todos esses níveis, mas são sugestões de como apresentar o evangelho ao mundo pós-moderno. Esse processo pode ser trabalhado, por exemplo, com alunos universitários e é uma das maneiras de cumprir a grande comissão na pós-modernidade.

Estrutura Mínima da Igreja

Harold Walker

Para uma igreja ser igreja, ela precisa ter uma estrutura mínima. Há muita variedade na manifestação da igreja, e cada uma é diferente da outra em muitos aspectos. Por exemplo, o estilo de oração. Os pentecostais gostam de orar todos juntos, os presbiterianos ficam em silêncio enquanto um dos membros ora, e assim por diante. Há estilos e costumes diferentes nas igrejas. Bob Mumford dizia, enquanto diretor de um seminário, não precisar perguntar ao futuro aluno de qual seminário, igreja ou cultura ele vinha; bastava pedir-lhe que orasse para ele identificar a sua origem. Sendo assim, nós precisamos ter flexibilidade e tolerância com nossos irmãos de outras igrejas. Jesus não definiu uma cultura “*certa*” para a igreja. Muita coisa na vida da igreja (modo de orar, de interpretar textos bíblicos etc) pode variar e nem por isso ela deixa de ser igreja. Até os católicos carismáticos podem ser igreja, mesmo que, para o protestante, isso seja um absurdo.

Nós, as igrejas associadas do Tikkun Brasil, somos de vários tipos (igrejas maiores e igrejas nas casas) e, por isso, precisamos saber os valores e as práticas que temos em comum. Além de definir esses valores, é importante entender qual é a estrutura mínima para uma igreja realmente ser uma igreja. John Noble, em seu artigo “*Quando uma igreja não é igreja*” (inserido no livro *A Casa de Deus*), diz que dois ou três reunidos em nome de Jesus não é igreja. Jesus pode encontrá-los, mas não é algo permanente. Noble diz que há diferença entre um monte de pedras e a casa de Deus. Em outras palavras, há diferença entre um ajuntamento, uma confraria (pessoas que têm afinidade) e igreja. Constitui-se igreja as pessoas que, além de crer na Palavra de Deus e na sua aliança conosco por intermédio de Jesus, têm aliança umas com as outras.

Em um dos valores, vimos que a família é uma prioridade

e que o pastor deve colocar a sua família acima da igreja. Na verdade, a ordem de prioridade é: Deus, família e igreja. Um pai não consegue conduzir sua família se não cultiva seu relacionamento com Deus. Se o pastor não prioriza a família, a sua igreja será uma farsa. Por outro lado, a família não funciona sem igreja. Ela precisa da igreja para que os filhos sejam saudáveis. Nenhuma dessas três prioridades (Deus, família, igreja) pode ser dispensada, porque são essenciais e funcionam junto. Todavia, em nossa prática, família e igreja frequentemente estão brigando, principalmente porque o pastor ou líder não cuida devidamente da sua família. Esse é um grande laço e um problema que precisa ser resolvido. O pastor, ao entender a prioridade dos momentos a sós com Deus e com a família, deve impor limites nos seus horários com a igreja. É preciso colocar muros se quiser priorizar Deus e a família.

Francis Frangipane deu um testemunho a respeito das suas prioridades. Ele tinha o costume de buscar a Deus todas as manhãs, e a sua igreja começou a crescer como resultado dessa comunhão. Porém, à medida que a igreja crescia e exigia mais dele, o seu tempo com Deus diminuía. Quando já quase não separava mais tempo para estar com o Senhor, Deus precisou falar com um amigo dele, de outro estado, para dar-lhe o recado: *“Diga ao Francis que eu estou com saudade dele”*. Pasmem! Francis era um homem de Deus que não conseguia ouvir de Deus e, por isso, foi preciso que outra pessoa o ouvisse em seu lugar. Ao ouvir o recado de Deus, Francis tomou um choque e falou para a igreja, no domingo seguinte, que não iria atender ninguém até o meio-dia, todos os dias. Em vez de reclamar por tal decisão, a igreja ficou de pé e aplaudiu.

A igreja ocupará todo o espaço que puder da vida do pastor. Por isso, ele (e não a igreja) precisa estabelecer limites. Por exemplo: *“Tal dia é da família, não aceito ninguém mudar a minha agenda”*, ou: *“Tais dias do ano não vou estar presente, pois viajarei com a minha família”*. Você precisa ser muito forte

nessas prioridades; elas não podem ser apenas uma teoria. Como Clésio disse em sua ministração, isso deve ser intencional. Não deixe que as distrações, inclusive com a tecnologia, o impeçam de ter a intenção correta em relação às suas prioridades. Estabeleça limites! Seja uma pessoa determinada e não deixe que nada o afaste da prioridade de Deus, da família e da igreja.

Segundo John Noble, a igreja são pessoas aliançadas em relacionamento umas com as outras. Isso é igreja! Igreja não é plateia, prédio ou confraria. Ela é formada pelos salvos da Nova Aliança relacionando-se uns com os outros, não só nas reuniões de domingo, mas de múltiplas formas, atividades e maneiras, ou seja, pessoas amigas umas das outras e que trabalham e se divertem juntas.

Nossa igreja, em Jundiaí, deve ter de 25 a 30 projetos, e a sua maioria não nasceu do presbitério, mas das pessoas. Elas tomam iniciativa e levam o projeto adiante, mas a igreja toda diz: *“É nosso projeto!”*. Ninguém precisa de títulos! A vida da igreja em comunhão vai produzir muitas coisas, e estas não precisam, necessariamente, ser originadas na liderança.

A liderança tem o seu papel, segundo Noble, na supervisão dos relacionamentos para não permitir que sejam bloqueados. Isso é necessário porque uma igreja que está se relacionando encontra problemas todos os dias. Pessoas são problemas e, quando se relacionam com outras pessoas com problemas, geram outros problemas sempre. Por exemplo: ele olhou com cara feia para mim; ele tratou de vir e não veio; ele me deu um cheque, mas não tem fundo; ele tratou mal a minha mulher e ela ficou ofendida etc. Isso é igreja! O bloqueio de relacionamentos é pecado; por isso, a importância de a liderança supervisioná-los. Ela trata com o pecado e não o deixa acumular, trabalhando efetivamente para que os irmãos continuem perdoadando-se todos os dias. Jesus nunca prometeu que os seus seguidores não se ofenderiam. Pelo contrário, ele falou que precisaríamos estar dispostos a perdoar uns aos outros até setenta vezes sete vezes por dia!

A liderança deve trabalhar em conjunto, estar sempre presente, sempre atuante e governando a igreja, pois ela é um microcosmo do reino de Deus. Todos na igreja vão ser reis e sacerdotes que reinarão sobre a terra ajudando a criação a entrar de novo em harmonia com Deus. A igreja não é nada em si, mas é o início do reino. Por isso, ela precisa governar a si mesma, tratando com os problemas e não fugindo deles ou colocando-os debaixo do tapete. É preciso trabalhar com os irmãos e confrontá-los em suas atitudes erradas. A igreja deve enfrentar os problemas e resolvê-los com a graça de Deus porque está sendo preparada para governar o mundo.

Jesus mencionou a igreja duas vezes na Bíblia: *“Respondeu-lhe Simão Pedro: Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo. Disse-lhe Jesus: Bem-aventurado és tu, Simão Barjonas, porque não foi carne e sangue que te revelou, mas meu Pai, que está nos céus. Pois também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela; dar-te-ei as chaves do reino dos céus; o que ligares, pois, na terra será ligado nos céus, e o que desligares na terra será desligado nos céus”* (Mt 16.16-19).

A primeira menção, em Mateus 16, é a revelação de Jesus como Filho de Deus, a Nova Aliança, a ligação com Deus. É o relacionamento vertical com o Pai. Você não pode ser apenas um convencido, mas deve ser um convertido, uma pessoa nascida de novo. Por mais que tente, a pessoa que não nasceu de novo não conseguirá entrar em relacionamento genuíno com outras.

“Ora, se teu irmão pecar, vai, e repreende-o entre ti e ele só; se te ouvir, terá ganho teu irmão; mas se não te ouvir, leva ainda contigo um ou dois, para que pela boca de duas ou três testemunhas toda palavra seja confirmada. Se recusar ouvi-los, dize-o à igreja; e, se também recusar ouvir a igreja, considera-o como gentio e publicano” (Mt 18.15-17).

A segunda menção, em Mateus 18, é muito prática, pois

orienta a tratar e tirar o problema dos nossos relacionamentos. Fala do relacionamento horizontal com os irmãos. Jesus é muito simples! A igreja não existe se não tem a autoridade de Deus, se não tem o reino de Deus, se não tem ordem e governo. Esse governo não é para administrar o prédio, a liturgia ou os bens materiais. Não! Esse governo é para permitir que os irmãos se relacionem e que o pecado não bloqueie o fluir do sangue. Se tiver o fluir da vida de Cristo, a igreja vai se multiplicar, crescer e avançar. Porque a vida de Cristo em muitas pessoas relacionando-se umas com as outras e perdoando umas às outras é algo tremendo, é o início do reino de Deus. A igreja não é lugar, por exemplo, de ficar ofendido, mas lugar de conversar e resolver o problema para que a vida de Cristo corra sem muros ou barreiras entre as pessoas. Isso, às vezes, é difícil porque o homem não quer admitir os seus erros, não quer perdoar nem se humilhar. Igreja que foge dessas questões não é igreja, não é o início do reino. Se você quiser se aprofundar nesse assunto, leia o livro de Asher Intrater, *Relacionamentos de Aliança*, pois ele entra em muito mais detalhes sobre esse assunto.

Não tem como ter igreja, seja ela grande ou pequena, se não tiver governo que trate dos relacionamentos. O primeiro lugar em dificuldade nos relacionamentos é entre os próprios pastores e isso é sempre um desafio para eles. Porém, se não conseguem superá-lo, o resto é apenas conversa fiada. Se não há aliança entre eles, também não há abertura, e tudo o que acontece na igreja não passa de um teatro, uma apresentação. É preciso trabalhar na base, no alicerce. Se não conseguimos vencer as nossas mágoas, nossas ofensas, e não falamos com o irmão a respeito disso, nós não entendemos o que é aliança, o que é o evangelho, e não somos igreja. Seria melhor que fechássemos a “igreja” e fôssemos embora porque igreja deve ter realidade, verdade em amor, aliança e condições de trabalhar uns com os outros. E isso começa com a liderança. O segundo lugar em dificuldade nos relacionamentos é entre os músicos e, depois, entre o restante da igreja.

Howard Snyder (metodista) escreveu um livro intitulado O Problema dos Odres. Ao pensar muito sobre qual é o mínimo para a igreja ser igreja, ele chegou a três elementos.

Primeiro: grupo grande. A reunião geral de todos não é uma ocasião para comunhão, mas para celebrar, proclamar, adorar e sentir a presença de Deus, com entusiasmo. Nela, eu descobro que faço parte de um povo poderoso e forte que está se levantando sobre a terra. Sem ela, os cristãos se tornam doentes, anêmicos e fragilizados. É preciso ter em nossa corrente sanguínea os efeitos positivos do grupo grande. Eu preciso, para a minha saúde espiritual, participar do povo de Deus, adorando-o e recebendo a sua Palavra.

Segundo: grupo pequeno. Participar apenas do grupo grande faz de mim um frequentador de cinema, um assistente sem nenhum compromisso; sou apenas mais um número sem nenhum vínculo, sem ninguém que acompanhe a minha vida. Em outras palavras, não tenho relacionamento com ninguém, não tenho nada significativo, não sou igreja. Eu preciso ter ligações reais e funcionais com pessoas com as quais eu abro o coração, que saibam dos meus problemas, das minhas vitórias, das minhas lutas e que me acompanham com interesse. Para que isso aconteça, preciso estar vinculado a um grupo pequeno. Esses dois grupos (o grande e o pequeno) são importantes e necessários, e não devemos abrir mão de nenhum dos dois. É como em Atos 2: se reuniam diariamente no templo e nas casas.

Terceiro: liderança pelos dons. Liderança pelos dons significa que a pessoa não é pastor só porque fez um seminário ou ganhou um diploma. Nós cremos na liderança plural, e não na liderança individual. Por melhor que seja o pastor, ele sozinho é limitado e, conseqüentemente, limita e restringe a igreja, tornando-a doente. O pastor não consegue nada sozinho porque ele não é Cristo. Cristo é o pastor da igreja e ninguém pode tomar o seu lugar. Nós precisamos de um presbitério com variedade de dons – mestres, evangelistas, pastores e profetas. Que eles não exerçam

seus dons porque têm um cargo, mas porque os receberam de Deus. Mesmo que não tivessem o cargo, exerceriam seus dons do mesmo jeito; funcionam como presbíteros antes mesmo de serem ordenados. Não é o homem que faz o presbítero, é Deus que o faz e os irmãos simplesmente reconhecem o que Deus fez. Colocar alguém no presbitério sem a autorização de Deus pode ser fácil, mas tirá-lo de lá é, por vezes, um grande problema. “*Despresbiterizar*” é difícil porque quase mata a pessoa ou a faz perder a fé. Então, não ordene presbíteros se você não tiver certeza, pois isso faz muito mal para a pessoa, para a igreja e para o presbitério. Não é o homem que dá dons; a pessoa nasce com eles e, quando cheia do Espírito Santo, começa a exercê-los.

A função do presbítero é ajudar os irmãos a agirem em seus dons e discernir a unção específica que está em cada membro do Corpo. Sua função é coordenar, administrar e nunca fazer tudo sozinho. O Espírito Santo está na igreja, cada membro tem dons e o presbítero ajuda esses dons aparecerem. Porém, muitos presbíteros sufocam a igreja, o Espírito Santo quer agir, mas eles não deixam. Essa é a tragédia da igreja hoje. Como a igreja pode crescer e prosperar se tudo o que o Espírito Santo quer fazer é cortado pela liderança? Pior, ficam brigando um com o outro sobre quem vai se sair melhor ou aparecer mais. Isso é um desastre total. Deus só vai usar pessoas quebrantadas, que não querem aparecer, mas que Cristo apareça. Com essa atitude, o presbítero ficará de olho para ver onde Cristo está aparecendo. Esse é o dom de governo, de presidir. Não é agir, mas ajudar os irmãos agirem discernindo o Espírito Santo.

Ter **grupo grande, grupo pequeno e liderança pelos dons** significa que a igreja não é de ninguém, a igreja é de Jesus – ele a administra pelo Espírito Santo. O Espírito Santo põe na igreja autoridade plural que vai honrar e respeitar um ao outro e discernir quando um ou outro está agindo fora do seu dom. Os presbíteros aceitam correção um do outro porque entendem como funciona o colegiado e como agir em aliança. Se ofender

um ao outro eles falam sobre isso e analisam a questão. Assim é o relacionamento de aliança ordenado por Deus e é o que vai trazer saúde para a igreja.

Outro assunto muito importante são as finanças. Nem todos os presbíteros precisam ser sustentados. Na verdade, algumas igrejas não têm nenhum presbítero sustentado em tempo integral e funcionam muito bem. A pessoa só deve ser sustentada se o seu ministério ocupa tanto espaço da sua vida que não lhe permite trabalhar. Não é ordenar, sustentar, para depois ver o que vai fazer. Não! É agir, movimentar, encher sua vida de atividades e aí a igreja reconhecerá que o seu dom precisa de mais tempo, mais dedicação e, então, a libera para fazer aquilo que foi chamado para fazer. Se o presbítero é sustentado, que não seja com um salário de miséria. Nós honramos a Deus quando sustentamos os que nos servem e que são levantados por ele. O presbítero não deve viver como o mais rico nem como o mais pobre; deve viver do dízimo de todos, ricos e pobres, e isso significa que ficará na média. Isso precisa ser conversado e feito com clareza, com transparência e honra. E quem não está em tempo integral deve servir à igreja com a mesma disposição, força e alegria.

Acesse os Links abaixo e fique por dentro das informações:

TIKKUN Global

Site: www.tikkunglobal.org/

Facebook: facebook.com/tikkunglobal

Instagram: [@tikkunglobalofficial](https://instagram.com/tikkunglobalofficial)

Youtube: [@tikkunglobal](https://youtube.com/tikkunglobal)

TIKKUN Brasil

Site: www.tikkunbrasil.com/

Site: www.tikkunglobal.org/promobrazil

Instagram: [@tikkunglobalbrasil](https://instagram.com/tikkunglobalbrasil)

Youtube: [@TikkunBrasil](https://youtube.com/TikkunBrasil)

COMPARTILHE CONOSCO SUA EXPERIÊNCIA:



www.revistaimpacto.com.br



[@impactopublicacoes](https://www.instagram.com/impactopublicacoes)



[/editoraimpacto](https://www.facebook.com/editoraimpacto)



contato@revistaimpacto.com.br

USE:

#leituradeimpacto
#impactopublicações

 **IMPACTO**

The logo for IMPACTO, featuring a stylized 'i' icon followed by the word 'IMPACTO' in a bold, uppercase, sans-serif font.

1º Valor: A Volta de Cristo

2º Valor: Avivamento e Reforma

3º Valor: Alinhamento com Israel

4º Valor: Igreja Centrada no Evangelho

5º Valor: Comunidade Pactual (Parte 1)

Família (Parte 2)

6º Valor: Ministério ao Senhor

7º Valor: Oração Coletiva

8º Valor: Unidade, Unanimidade e Intimidade

9º Valor: Cultura de Honra

10º Valor: a Grande Comissão



www.revistaimpacto.com.br

contato@revistaimpacto.com.br

Rua Tamoio, 226 - Santa Catarina

Americana - SP 13466-250

(19) 3462-9893